

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Túlio Glüer Carracho

**COMPAIXÃO E RESPEITO: DISCURSOS E DIFERENCIAÇÕES DE GÊNERO
EM NOTÍCIAS DE SUICÍDIO NO CORREIO DO POVO, EM PORTO ALEGRE
(1925-1926)**

Porto Alegre

2012

Túlio Glüer Carracho

**COMPAIXÃO E RESPEITO: DISCURSOS E DIFERENCIAÇÕES DE GÊNERO
EM NOTÍCIAS DE SUICÍDIO, NO CORREIO DO POVO, EM PORTO
ALEGRE (1925-1926)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof^a Dra. Cláudia Mauch

Porto Alegre

2012

RESUMO

Este trabalho tem como fonte notícias de suicídio publicadas pelo jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, nos meses de janeiro e fevereiro de 1925 e janeiro e fevereiro de 1926. Optou-se por fazer uma análise do discurso praticado pelo periódico nas matérias, a fim de dar conta das percepções do suicídio enquanto fato merecedor de publicação pelo jornal e das diferenciações de gênero que podem ser percebidas. O trabalho, em relação às suas categorias teóricas, utiliza-se da análise de discurso a partir da perspectiva de Foucault, bem como o conceito de gênero, de Joan Scott. Foi possível constatar, no discurso do jornal, o caráter antinatural do suicídio, independentemente de gênero, embora este fosse representado diferentemente: as mulheres como frágeis, impressionáveis e indecisas; os homens como decididos e discernidos, tendo perdido esta capacidade momentaneamente.

Palavras-chave: Suicídio, *Correio do Povo*, gênero

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao professor Benito Bisso Schmidt, que teve papel importante ao me auxiliar nos estágios iniciais da pesquisa, esclarecendo categorias teóricas as quais se tornaram pontos fundamentais do meu trabalho, e à professora Cláudia Mauch, minha orientadora, que, com suas sugestões, enriqueceu este trabalho, bem como contribuiu com bibliografia e para uma melhor exposição do conteúdo apresentado. Sou muito grato a ambos, pois, sem este auxílio, dificilmente o trabalho teria desfecho.

Demonstro minha gratidão aos conselhos dados por minha amiga Bianca, que me provocou, no início do ano, fazendo com que eu perseguisse esse sonho de formatura. Não tenho dúvidas de que ela estará trilhando essa mesma estrada, muito antes do imaginado.

Agradeço também aos meus amigos de faculdade, em especial João Victor, Leandro, Gabriel e Felipe (Kazé), com os quais passei bons momentos e muitas horas no Campus do Vale, mais do que gostaríamos de ter (seria melhor na Cidade Baixa, talvez?). Fico grato de ter recebido conselhos para este trabalho, através do *know-how* obtido por eles no percurso feito há alguns anos, embora soasse muito estranho a alguém ao lado conversa sobre algo tão denso, como o suicídio. Da mesma forma, fica meu agradecimento aos meus colegas de trabalho, os quais, seja em serviço, em uma mesa de bar, em um jogo de sinuca ou kart, perguntavam, sutilmente: então, vai sair esse ano? Essa pressão “básica” serviu-me de motor.

Agradeço aos meus familiares, minha irmã Helena, por sempre ter uma palavra disponível em momentos difíceis, mesmo quando os horários não se compatibilizavam; meu cunhado Rogério, por sua cumplicidade nas encencas que criei e por sua amizade; meu sobrinho Diego, que trouxe um ar de renovação para todos nós e contaminou-me com a sua disposição, expressa pelos seus gestos e personalidade (em breve pela fala também); minha prima Maria, por seus conselhos repletos de sabedoria; meus primos Alexandre e Dione, pelo juízo.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus pais: é muito difícil restringir a algumas frases o quanto deles também é esta conquista e o que representam para mim. Devo tudo o que faço para o bem a eles: o que se desvia desse caminho é de minha responsabilidade.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – NÚMERO DE SUICÍDIOS E TENTATIVAS, HOMENS E MULHERES POR MÊS PUBLICADAS NO <i>CORREIO DO POVO</i> , JAN. - FEV. 1925 E JAN. – FEV. 1926.....	20
TABELA 2 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> QUANTO A SUICÍDIO E TENTATIVA, HOMEM E MULHER, ATIVIDADE, IDADE E ESTADO CIVIL, JAN. 1925.....	46
TABELA 3 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> QUANTO A MEIO UTILIZADO, MOTIVAÇÕES, COR DA PELE, NÚMERO DE LINHAS E LOCAL OCORRIDO, JAN. 1925.....	47
TABELA 4 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> QUANTO A SUICÍDIO E TENTATIVA, HOMEM E MULHER, ATIVIDADE, IDADE E ESTADO CIVIL, FEV. 1925.....	48
TABELA 5 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> QUANTO A MEIO UTILIZADO, MOTIVAÇÕES, COR DA PELE, NÚMERO DE LINHAS E LOCAL OCORRIDO, FEV. 1925.....	49
TABELA 6 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> , QUANTO A SUICÍDIO E TENTATIVA, HOMEM E MULHER, ATIVIDADE, IDADE E ESTADO CIVIL, JAN. 1926.....	50
TABELA 7 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> QUANTO A MEIO UTILIZADO, MOTIVAÇÕES, COR DA PELE, NÚMERO DE LINHAS E LOCAL OCORRIDO, JAN. 1926.....	51
TABELA 8 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> , QUANTO A SUICÍDIO E TENTATIVA, HOMEM E MULHER, ATIVIDADE, IDADE E ESTADO CIVIL, FEV. 1926.....	52
TABELA 9 - CASOS POR DATA PUBLICADOS NO <i>CORREIO DO POVO</i> QUANTO A MEIO UTILIZADO, MOTIVAÇÕES, COR DA PELE, NÚMERO DE LINHAS E LOCAL OCORRIDO, FEV. 1926.....	53
TABELA 10 - RESULTADOS DA ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DE SUICÍDIO NO <i>CORREIO DO POVO</i> , JAN. E FEV. 1925, JAN. E FEV. 1926.....	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	14
1.2 APRESENTAÇÃO DAS FONTES.....	18
2. MULHERES “INFELIZES”	22
2.1 AS MULHERES NA HISTÓRIA: CATEGORIA DE GÊNERO.....	22
2.2 MAIS UMA INFELIZ.....	23
2.3 INVISÍVEIS, MÃES, APAIXONADAS, IMPRESSIONÁVEIS.....	25
3. HOMENS DE DISTINÇÃO.....	30
3.1 OS HOMENS E GÊNERO: O QUE ELES TÊM A VER COM ISSO?.....	30
3.2 HOMENS DISTINTOS.....	31
3.3 HOMENS SUICIDAS POR AMOR: ELES TAMBÉM?.....	33
3.4 UM RAPAZ: CÉREBRO QUASE INFANTIL, MAS UM HOMEM.....	36
3.5 “OU VENS VIVER JUNTO COMIGO OU TE MATO”: DOS GALANTEIOS ÀS AMEAÇAS.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5. FONTES.....	43
5.1 PERIÓDICOS.....	43
5.2 BIBLIOGRAFIA.....	43
6. ANEXOS.....	46

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso originou-se a partir de uma leitura descompromissada de uma edição de jornal, a qual teve como consequência uma curiosidade despertada a respeito do assunto tratado. A notícia publicada pelo jornal *Zero Hora*¹ versava a respeito de um suicídio ocorrido em uma praça da Rua Teixeira Mendes, no bairro Chácara das Pedras, uma das zonas de maior crescimento imobiliário e econômico nos últimos vinte anos, em Porto Alegre. O maior incentivo para este trabalho, entretanto, deu-se não pelo caso em si, mas pelo conteúdo da notícia: não me lembrava de ter sido publicado algo sobre o assunto em jornais de grande veiculação, pois acreditava que havia uma “proibição” nesse sentido. Posteriormente, a localização de uma página na Internet² levou-me ao entendimento de que nem sempre foi assim, visto que o autor comenta sobre um ponto comum de suicídios em Porto Alegre, o Viaduto Borges de Medeiros, bem como aborda a publicação de matérias a esse respeito por parte da imprensa da capital, nas décadas de 1940 e 1950.

Sob efeito de uma ligação quase automática entre o tema do suicídio e a obra de Durkheim a respeito, procurei analisar o tema enquanto fato social. Cabe ressaltar que se tratava de um estágio ainda embrionário da pesquisa, no qual ainda não havia definido claramente a temática, assim como os referenciais teóricos. Puramente por uma questão de interesse pela época, detive-me nas décadas de 1940 e 1950, levando em conta momentos históricos (enchente de 1941, fim do Estado Novo, 2ª Guerra Mundial, entre outros) que poderiam ter tido influência no aumento do número de casos. Em pesquisa no jornal *Correio do Povo*, não foram encontradas notícias sobre suicídio, em alguns dias nos quais procurei (final de abril de 1941, caso da enchente).

Dessa forma, retrocedi alguns anos na pesquisa, tentando localizar notícias sobre o assunto na década de 1920. Primeiramente, observei jornais desse período, nos arquivos do Núcleo de Pesquisa Histórica do IFCH, localizado no Campus do Vale da UFRGS. Inicialmente foram consultados os meses de janeiro e fevereiro de 1924, tendo sido encontradas, logo nas primeiras edições, diversas notícias que abordam o tema, mostrando riqueza de campos para pesquisa. Em consulta aos jornais disponíveis no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (os quais muitas vezes não se encontram em

¹ *Zero Hora*, Porto Alegre, 23 abr. 2012. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2012/04/homem-morre-enforcado-no-bairro-chacara-das-pedras-em-porto-alegre-3735798.html>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

² Disponível em: <http://www.jornaldacapital.com.br/2011/materias/materias_detalhes.php?idm=18>. Acesso em: 01 jul. 2012.

estado adequado de conservação, de forma geral), em meses posteriores, verificou-se quantidade significativa de notícias sobre suicídio. A título de sugestão para futuros pesquisadores que demonstrarem interesse no material, não restam dúvidas de que há possibilidades, a partir dessas fontes, de pesquisa com diferentes enfoques sobre o tema, tendo-se em perspectiva a história quantitativa e de longa duração, para verificar, por exemplo, em que momento ou porque a imprensa deixou de publicar as notícias. Algumas pistas podem ser colocadas, tais como o caráter "epidêmico" de publicação de matérias sobre suicídio, uma visão recorrente nos meios médicos da época e que ainda possui força nas opiniões atuais, e as intermitentes restrições à liberdade de imprensa, como a nova Lei de Imprensa do senador Adolfo Gordo, que entrou em vigor em 19 de julho de 1922³. No caso desta última possibilidade, mesmo que tenha sido em período anterior ao tratado neste trabalho e que as restrições tratassem mais de crimes de ordem política, caracterizaram uma tendência de repressão da República Velha ao conteúdo publicado na imprensa. Entretanto, este estudo procura responder a outra pergunta: quais os discursos que são produzidos a respeito das pessoas presentes nas notícias sobre suicídio e sobre o ato do suicídio em si, veiculados no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, levando-se em conta as diferenciações de gênero que podem ser percebidas nas mesmas?

É preciso, inicialmente, abordar o espaço no qual está inserido o objeto de estudo deste trabalho. Para tanto, é necessária a compreensão do período de mudanças que, nas primeiras décadas do século XX, o Brasil passava.

O novo regime republicano enfrentou, em seus primeiros anos, turbulências de ordem política, a partir de grupos que desejavam o retorno ao modelo anterior monárquico. Entretanto, conforme se busca a estabilidade do sistema político, através de alianças entre as principais elites do centro do país, reivindicações de natureza inédita passam a se manifestar. Sem estender muito, podemos citar como exemplo os operários, que passam a se organizar em associações e sindicatos, lançam jornais e reivindicam melhores condições de trabalho, e as mulheres, que lançam revistas e organizações de caráter feminista, além de passarem paulatinamente a ocupar espaços da cidade antes marcadamente masculinos, como fábricas, escritórios, praias, bares e clubes de dança⁴.

³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: *História da imprensa no Brasil*. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p.86.

⁴ CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. Apud REICHERT, Emmanuel Henrich. *A sedução e a honestidade: representações de gênero nos processos de crimes sexuais (Porto Alegre, 1920-1926)*. 2008. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, p.16.

Portanto, se por um lado era preciso impor modelos de organização (de trabalho, por exemplo) e comportamentos sociais (às classes populares, sobretudo) a uma sociedade que, pouco tempo antes, ainda era escravocrata, por outro a elite convivia com a pressão de novos modelos sociais que se estabeleciam no exterior, no contexto de acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial. Se as principais lideranças brasileiras eram seduzidas pelo discurso de modernidade, o que se refletiu, por exemplo, nas iniciativas de saneamento das grandes cidades, também procuravam frear as ações de determinados grupos sociais. Pode-se afirmar que a República Velha (ou Primeira República) foi marcada por ser um momento de ebulição política e social da história brasileira. No Rio Grande dos Sul, verifica-se a mesma instabilidade: a sucessão de governos do PRR não representou tranquilidade. A Revolução Federalista e a de 1923 dividiram o estado politicamente.

Pode-se perceber melhor o discurso de modernidade, adotado pelas classes políticas dominantes, quando observado em nível municipal. A principal consequência foi o reordenamento urbano, como o ocorrido no Rio de Janeiro, com a abertura de avenidas largas, que refletiram a necessidade de atendimento de novos modelos de transporte, bem como a retirada dos cortiços do centro para as periferias da cidade. Estas iniciativas eram saudadas na imprensa⁵ que, ao mesmo tempo, apresentava um discurso que estigmatizava as pessoas “indesejáveis”, que estariam sendo barreiras removidas neste percurso modernizante.

Há, no princípio da imprensa brasileira, uma relação indissociável com a política. A atividade jornalística "constituía-se sempre a partir de grupos de interesse que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações⁶". Entretanto, as profundas mudanças políticas, econômicas e sociais pelas quais o Brasil passou, no final do século XIX e início do século XX, inevitavelmente alteraram as formas de organização da imprensa. Houve um acréscimo de jornais no período, que se mantinham ativos por mais tempo. Quanto às publicações, assim como de outras formas impressas, também se verifica uma tiragem maior de exemplares. Isso se deve não só a avanços técnicos no maquinário, na produção e impressão dos jornais, mas também a fatores econômicos, tais como um aumento da malha ferroviária e uma maior capacidade de financiamento do periódico, pelo uso mais frequente e eficaz da publicidade.

Essas novidades técnicas e uma nova lógica empresarial estavam no centro da ascensão do *Correio do Povo*. O jornal foi fundado em 1895, por Caldas Júnior, que havia

⁵ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1996, p. 18.

⁶ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: *História da imprensa no Brasil*. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p.104.

sido redator-chefe do *Jornal do Comércio*. Logo em seu primeiro editorial, o *Correio do Povo* apresenta-se como “órgão de nenhuma facção, que não se escraviza a cogitações de ordem subalterna”⁷. É importante fazer a associação entre o surgimento de um jornal com esta proposta apartidária e a guerra fratricida a qual o estado esteve submetido (Revolução Federalista). Assim, um jornal voltado apenas à causa pública tinha como objetivo atingir a população, cansada da guerra, mas também novos anunciantes, a fim de obter recursos indispensáveis à manutenção e expansão da empresa. Caldas Júnior talvez tenha sido pioneiro, pela linha adotada por seu jornal: tinha descoberto que o caráter político do jornalismo não precisava ser explícito, pois havia uma mutação em curso nas necessidades do público e no próprio espectro deste público, estabelecendo novos termos para a concorrência no mercado de jornais⁸. Sendo assim, o *Correio do Povo*, ao longo das primeiras décadas do século XX, constituiu-se como o jornal de maior vendagem do estado e uma das molas propulsoras responsáveis pelo jornalismo moderno no Rio Grande do Sul, tendo sido importante reflexo da sociedade e dela sofrendo influência. Esse papel desempenhado pelo *Correio do Povo* na modernização em curso na sociedade gaúcha estimulou-me a trabalhar com suas publicações.

O uso da imprensa como fonte histórica é relativamente recente na historiografia brasileira, pois era tida como material secundário, por ser um tipo de documentação subjetiva. Somente na década de 1960 muda-se o olhar sobre como tratar a imprensa enquanto fonte histórica. Essa alteração, pelo menos nesse período, ainda não indicava maior uso para a escrita da História, mas sim tendência de estudo da imprensa enquanto instituição. Tania Regina de Luca coloca que “se reconhecia, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa”⁹.

Mesmo que estejam sendo cada vez mais divulgados trabalhos que primem por uso de fontes da imprensa, inevitavelmente os historiadores deparam-se com problemas, tais como a impossibilidade do pesquisador de dispor de tempo para a leitura e análise desses documentos, a má conservação dos mesmos em alguns arquivos e a ausência de eventuais edições. Mesmo que seja necessária neste trabalho a aplicação de um recorte sobre o tema do suicídio, por ser ele muito abrangente e atemporal, os estudos que envolvem imprensa no Brasil primam por ser recortes isolados que, no entanto, poder-se-ão tratar de "rica produção

⁷ RÜDIGER, Francisco, *Tendências do jornalismo*. 1.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p.77.

⁸ *Ibidem*, p.80.

⁹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). 2.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2008, p.111.

salteada que tem revelado acervos, recuperado conjunturas, sistematizado informações, organizado séries, [...]”¹⁰. Portanto, se esse objetivo tiver sido atingido, a tentativa de contribuição feita por essa pesquisa mostrar-se-á ao menos satisfatória.

Com o uso maior da imprensa enquanto fonte histórica, cuidados no trato deste material fizeram-se necessários. Por exemplo, o texto continha narrativas e formas de linguagem que necessitavam de maior atenção, como pode ser percebido a partir das críticas sob perspectiva linguística. Com isso, segundo Antoine Prost, como analisamos os textos nos “interessará menos pelo o que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam”¹¹. As omissões que os textos denotam, proposital ou acidentalmente, também passam a ser objeto de estudo para o historiador, estabelecendo zonas de silêncio.¹²

Em relação ao tema proposto, constatou-se que o suicídio é um assunto bastante explorado, mas por outros campos do conhecimento, como a Psicologia, Medicina e Sociologia. Afora biografias de personagens públicos importantes que tenham cometido suicídio, não se verifica maior interesse dos historiadores, sendo ainda mais raro quando se trata de veiculações pela imprensa a respeito do tema. Nesse sentido, este trabalho procura colocar um pouco de luz sobre esse assunto.

O suicídio já é, em níveis nacionais, a terceira maior causa de morte entre jovens entre 15 e 24 anos¹³, apenas atrás de homicídios e acidentes de trânsito. Exemplos do nosso cotidiano não nos faltam: infelizmente, o Rio Grande do Sul apresenta tristes estatísticas a respeito de suicídio. O trabalho de Ondina Maria Fachel Leal, que possui um olhar antropológico para o assunto, aponta temas como honra e masculinidade como fatores ligados ao suicídio. Mesmo que em período posterior (década de 1980) ao recorte deste trabalho e referindo-se ao fenômeno no campo gaúcho, Leal foi importante ao apresentar dados sobre os quais não tinha conhecimento, como os altos índices de suicídio no Estado em relação ao Brasil.¹⁴ Em consulta a estudos do DATASUS/Ministério da Saúde, pude confirmar as mesmas tendências, sendo o Rio Grande do Sul o estado com maior taxa de suicídios entre os

¹⁰ MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p.14.

¹¹ PROST, Antoine. "Social e cultural indissociavelmente". In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa, Ed. Estampa, 1998. Apud LUCA, Tania Regina de. op. cit., p.114.

¹² LUCA, Tania Regina de. op. cit., p. 114.

¹³ SHIKIDA, Cláudio; GAZZI, Rafael de Almeida Vilhena e JUNIOR, Ari Francisco de Araujo. *Teoria econômica do suicídio: estudo empírico para o Brasil*. Disponível em: <www.ceae.ibmecmg.br/wp/wp39.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

¹⁴ LEAL, Ondina Maria Fachel. Suicídio, honra e masculinidade na cultura gaúcha. In: *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, n.6, 1992, p.8.

homens e o quarto maior entre as mulheres, em dados de 2002.¹⁵

Também no Rio Grande do Sul ocorreu um fato bastante chocante, em 2006, que chama a atenção pelo seu caráter inédito: o suicídio do jovem Vinícius Gageiro Marques, auto-intitulado Yoñlu, que teve sua morte anunciada na Internet e que foi auxiliado em seu intento por pessoas anônimas na rede.¹⁶ Não se pretende afirmar que tal caso caracterizaria o Rio Grande do Sul como *sui generis*, pois há notícias de situações iguais pelo menos cinco anos antes, em outros países, como a Inglaterra.¹⁷ O caso trouxe à tona o perigo oferecido pelas redes sociais e o risco representado pelo anonimato proporcionado pela Internet, mas ainda há carência de melhores mecanismos de ajuda às pessoas com sintomas de suicídio, mesmo este sendo considerado um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde. Portanto, há uma necessidade de melhor abordagem da questão do suicídio, não só pelas razões historiográficas explicitadas anteriormente, mas também pela relevância social que ela exige.

O período escolhido para análise de notícias de suicídio veiculadas pelo *Correio do Povo* foi compreendido pelos meses de janeiro e fevereiro de 1925 e 1926. A explicação para essa opção por meses descontínuos situa-se em um problema frequente para os historiadores iniciantes e trabalhadores, como eu: a ausência de tempo para uma pesquisa que contemplasse, por exemplo, a análise dos dois anos. Esta falha, no entanto, é compensada pela quantidade encontrada de notícias que tratam do suicídio nesses meses trabalhados, que foi bastante superior às expectativas iniciais.

Entretanto, podem ser colocados alguns indícios que, graças ao interesse inicial no tema, mostraram-se interessantes. A consulta que foi feita em décadas posteriores (1930 e 1940), mesmo que tenha sido aleatória e numericamente pouco significativa em edições, mostrou que houve uma diminuição de notícias sobre suicídio, em algum momento nesse período. No entanto, foi encontrada, no período compreendido por este trabalho, uma nota que talvez contribua para saber o porquê dessa interrupção:

RIO, 6 – [...] A directoria da Associação Brasileira de Imprensa esteve reunida. [...] Discutiram-se, longamente, as causas da epidemia dos suicídios [...], chegando-se á conclusão de que cabe á imprensa a maior parte da responsabilidade, com a descrição, phantasia muitas vezes, dum caso que nada vale. [...] Essas notícias, [...] contribue, poderosamente, para suggestionar os espíritos fracos e doentios, [...] a

¹⁵ D'OLIVEIRA, Carlos Felipe Almeida. *Perfil epidemiológico dos suicídios. Brasil e regiões, 1996 a 2002*. Disponível em: <www.portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/suicidios.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2012.

¹⁶ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81603-6014-508,00.html>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

¹⁷ *Ibidem*.

directoria resolveu intervir junto aos directores dos jornaes para que ordenem aos seus “reporters” que reduzam, ao mínimo possível, o noticiario dos suicidios e crimes amorosos, empregando uma linguagem simples e não publicando photographias, nem romantisando scenas da vida dos protagonistas. A decisão da Associação de Imprensa causou excelente Impressão, esperando-se que seja bem sucedida.¹⁸

Note-se que já havia a noção, por parte da imprensa, do seu alcance social. Logicamente, mesmo a resolução de um órgão importante como a ABI não surtiria efeitos imediatos. Entretanto, constata-se uma tendência de pressão externa à imprensa, para diminuição das publicações, ou uma censura auto-imposta, no que se aproximaria de outros discursos:

[...] essa recorrente presença do suicídio nas páginas dos periódicos foi alvo de críticas e perseguições. Vários discursos, como o médico e o religioso, estavam inseridos nesse jogo, [...] procurava-se apresentar medidas profiláticas que garantissem, se não a supressão completa, pelo menos silêncio em torno do suicídio [...].¹⁹

Portanto, compreende-se que esta pesquisa terá um caráter experimental, por se tratar de monografia. Por um lado, há um prejuízo, no sentido de que as fontes encontram-se, como foi colocado, em meses descontínuos. Por outro, existe a percepção de que há material suficiente para que se possa fazer, mesmo que com limitações, uma análise do discurso presente nas notícias.

O trabalho do sociólogo Emile Durkheim foi importante para uma inspiração inicial a respeito do tema, visto que se trata de obra marcante sobre o suicídio. O autor francês estudou o fenômeno enquanto fato social, procurando compreendê-lo sob esta perspectiva. Cabe salientar que não há, por parte do autor, o descarte das demais possibilidades de análise, mas apenas um aviso ao leitor de que seus pressupostos serão diferentes. O estudo de Durkheim é rico e impossível de ser reduzido a algumas linhas, mas, muito resumidamente, pode ser dividido em duas partes: o cruzamento de uma série de variáveis “não-sociais” com o suicídio e a análise, através de uma tipologia (suicídios egoístas, altruístas, anômicos e fatalistas), das relações entre sociedade e suicídio.

Fábio Henrique Lopes estudou o suicídio enquanto discurso, tanto na dissertação como em sua tese. Em seu mestrado, analisou a ligação entre desordens mentais e suicídio. Nesse

¹⁸ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 fev. 1926, n.32. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

¹⁹ LOPES, Fábio Henrique. *O Suicídio sem fronteiras: entre a razão e a desordem mental*. 1998. 127 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998, p.81.

sentido, utilizou fontes impressas, tais como o *Diário de Campinas*, bem como relatórios de ordem médica. O objetivo do autor era fazer uma confrontação entre os discursos mais frequentes, como o de loucura dos suicidas e o de verdade médica, para fins de compreensão do fenômeno. Lopes, descrevendo o período do final do século XIX, afirma que esse foi marcado por “processos de transformação que atingiam as esferas da vida social, uma teia discursiva e um jogo de forças, através dos quais se buscavam uma hegemonia discursiva, a qual garantiria a criação, por uma determinada área do saber, de balizas e limites dentro de um verdadeiro campo de correlação de forças.”²⁰

Em sua tese, Lopes tratou dos discursos médicos sobre o suicídio, abrangendo um longo período (1830-1900), no qual constatou a condição histórica do mesmo. Há a consideração de suicídio como um fato não estudado pela comunidade médica, como fruto da loucura e como categoria a ser segregada (suicidas junto a outros “párias”, como prostitutas, loucos, vagabundos ou criminosos). Lopes, primeiramente, faz uma análise das instituições médicas brasileiras e de seu caráter social na época, para depois abordar aspectos do discurso médico através da análise de literatura que versava sobre o tema, as diferenciações sexuais, as relações entre paixão e suicídio e a visão correlata, segundo os discursos médicos, entre distúrbios mentais e suicídio.

Marcelo José Pereira Carvalho trata de representações do suicídio pelas notícias de jornais de Belém, no Pará, em seu texto “Cachaça e vontade de morrer: embriaguez e suicídio nas notícias impressas nos jornais belenenses (1891-1908)”. O autor estabelece que é possível fazer uma ligação entre o discurso médico paraense, as notícias sobre suicídio e o grau pedagógico presente nelas. Assim, haveria a defesa à moderação ao álcool embutida nas notas dos jornais, através da pressão médica, contida no discurso de contágio do suicídio.²¹

Sandra Jatahy Pesavento analisou, no espaço porto-alegrense do final do século XIX, os excluídos da capital gaúcha, no processo de modernização observada nesse período. Nesse sentido, seu texto aponta as representações construídas nos principais jornais da época sobre os excluídos, sejam eles mulheres, moradores de becos, prostitutas, criminosos ou suicidas. Em relação a esse último grupo, seu trabalho foi de grande valor para a minha pesquisa, na medida em que a autora utiliza o mesmo tipo de fonte e leva em consideração um fator que será um dos principais na análise da minha pesquisa: o tamanho da notícia e o que isto pode revelar.

²⁰ LOPES, Fábio Henrique, op. cit., p.115.

²¹ CARVALHO, Marcelo José Pereira. *Cachaça e vontade de morrer: embriaguez e suicídio nas notícias impressas nos jornais belenenses (1891-1908)*. In: XIV Encontro Regional da ANPUH – Memória e Patrimônio, 19., 2010, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Unirio, p.3.

Yonissa Wadi e Keila Rodrigues de Souza analisam mensagens de adeus de suicidas na região de Toledo, no Paraná, no período entre 1980 e 1993. Buscam as autoras compreender as relações de gênero e a subjetividade presente nas notas. Embora raramente tenham sido encontradas nas notícias do *Correio do Povo* mensagens deixadas pelas pessoas envolvidas e que Wadi e Souza não trabalhem diretamente com periódicos, elas contribuíram sobremaneira para meu projeto, no sentido da importância que as relações de gênero assumem. Igualmente, auxiliam-me na análise do suicídio a partir de pequenas notas, mesmo que as autoras guardem diferenças no sentido de que tratam com escritos das próprias vítimas, diferentemente do meu trabalho.

Apresento, a seguir, as quatro próximas partes desta pesquisa. Em primeiro lugar, tratarei dos principais referenciais teórico-metodológicos, que me auxiliaram no entendimento das fontes e na elaboração de considerações a respeito do problema proposto. Em segundo lugar, optei por apresentar as fontes trabalhadas nessa pesquisa, procurando elucidar ao leitor alguns aspectos introdutórios, como a quantidade de notícias encontradas e a distribuição destas por mês. Ainda na apresentação, serão mostrados alguns dados comparativos que puderam ser obtidos através de perguntas prévias às fontes, que permitiram dar a este trabalho uma orientação, bem como demonstraram suas limitações. Em um terceiro momento, farei a análise propriamente dita das fontes, dividida em dois capítulos, levando-se em conta a diferenciação de gênero: tratarei antes das notícias de suicídios que envolvem mulheres, buscando identificar papéis ligados ao sexo através da análise dos discursos presentes nas notícias. Também procuro verificar se há discursos que prevalecem sobre os demais e se existem possibilidades de construção de representações da mulher suicida, pelo jornal *Correio do Povo*. Após, analiso as fontes que se referem aos homens que tenham tentado (ou levado a cabo) o suicídio, observando pontos como identidade de gênero e levando em conta um fator quantificável, como o tamanho da notícia, bem como a linguagem utilizada na publicação. Por último, faço algumas considerações finais a respeito dos resultados obtidos na pesquisa.

1.1 Referenciais teórico-metodológicos

Este trabalho terá como principal referencial teórico, para fins de analisar o discurso jornalístico, as apresentações de Michel Foucault em seu livro *A ordem do discurso*. Antes, para fins de melhor delimitação do horizonte teórico, opto por fazer alguns esclarecimentos breves sobre como as pessoas presentes nas notícias de suicídio pesquisadas poderiam ser

representadas na sociedade da época.

Nesse sentido, é preciso mencionar as possíveis relações entre a produção do discurso do jornal e a recepção por parte do leitor. Chartier coloca a importância desse ponto, mas também de que forma isso ocorre. Desta forma, passou a ser imprescindível “[...] considerar os discursos em seus próprios dispositivos, nas suas articulações retóricas ou narrativas, nas suas estratégias persuasivas ou demonstrativas.²²” Embora a afirmação acima seja mais aplicada à escrita da história do que à fonte usada, não ter em conta essas particularidades da produção seria cair em erro grave, no sentido de tornar a análise das notícias sobre suicídio na representação que a imprensa, ou mesmo a sociedade porto-alegrense, de uma forma geral, faria das pessoas envolvidas nas tentativas ou suicídios consumados. Seria o “caminho que fazia concluir da análise temática de um conjunto de textos à caracterização de uma “mentalidade” (ou de uma “visão do mundo” ou de uma “ideologia”), e depois fazia passar desta a uma atribuição social unívoca.²³” Para que isso fosse possível, seria necessária, talvez, uma pesquisa que contemplasse um período de tempo mais longo e com outros jornais da época, como *A Gazetinha* ou o *Jornal do Comércio*, a fim de verificar, com maior amplitude, os discursos jornalísticos da imprensa porto-alegrense. Portanto, ressalto, até pelas limitações desse trabalho, que o foco será a análise do discurso produzido pelo jornal *Correio do Povo*, e não a recepção desses textos pelos leitores, embora esse seja um tema igualmente instigante.

Chartier aponta as possibilidades que a reaplicação da noção de representação coletiva pode ter para a História, no sentido de construção de identidades sociais, através das lutas entre aqueles que possuem o poder de classificação e os que são definidos pelos mesmos.²⁴ Por exemplo, a produção do discurso do jornal *Correio do Povo* a respeito do suicídio constitui-se em práticas sociais, mas como ter acesso ao que seria produzido pelos suicidas, se não são publicadas notas de explicação para seu último ato, se é que eles efetivamente deixavam algum registro para alguém próximo?

Esta luta de representações possui, portanto, limitações quanto à verificação nas fontes consultadas, pois não se constata a produção de discursos dos “dois lados”. Por isso, se fosse possível, tratar-se-ia, de forma um tanto fragmentária, de construir representações que o *Correio do Povo* apresenta nas notícias. Mesmo assim, não há uma só imagem produzida, em relação aos suicídios publicados: não somente se verifica a diferenciação de gênero, mas também distinções em uma só notícia. Não fica clara qual a imagem da pessoa envolvida ou

²² CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS, 2002, p.77.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem, p.73.

do ato em questão: há o conflito entre expressões como “treslocada²⁵” e “acto foi o resultado de uma ideia ha muito amadurecida²⁶”. Por um lado, o discurso da loucura, da ausência de razão; por outro, a racionalização pressuposta no amadurecimento da idéia. Afinal, qual é a imagem de gênero que se pode entender dos discursos, ou qual a percepção que se pode ter do suicídio, tendo em vista termos que remetem a contradições, em frases tão próximas, na mesma notícia? Portanto, o trabalho terá como objetivos importantes constatar tais discrepâncias e analisar a possibilidade de haver um ou outro discurso preponderante.

Portanto, o foco principal do trabalho é a análise dos discursos do jornal *Correio do Povo*, expressos pelas notícias, e como isso pode contribuir para a compreensão das práticas sociais, levando-se em conta dois aspectos relacionados, porém com uma distinção importante: o suicídio enquanto fato e os suicidas, enquanto objeto.

A fim de melhor entender no que se constitui o discurso, Foucault propõe uma diferenciação sutil: não é apenas aquilo pelo qual se manifesta o desejo, mas também o objeto de desejo.²⁷ Essa nota causa uma diferença em termos da importância que o discurso assume: mais do que traduzir as lutas ou sistemas de dominação, constitui-se no motivo, na razão das disputas, no poder do qual se quer apoderar.²⁸

Foucault menciona três grandes sistemas de exclusão relacionados ao discurso: a palavra proibida (interdição que age na produção, para se distinguir o que se pode e o que não se pode falar), segregação (restrição a quem tem ou não teria acesso ao discurso, como o louco, por exemplo) e a vontade de verdade, que teria ação sobre os demais. Este terceiro item tem um caráter coercitivo, na medida em que os discursos (sejam de instituições, classes sociais ou categorias profissionais, por exemplo) têm a necessidade de se constituírem como verdadeiros, para fins de justificação. Também há a tentativa de naturalização e de neutralidade do discurso, de forma que ocupe “o menor lugar possível entre o pensamento e a palavra; [...] para que o discurso aparecesse apenas como certo aporte entre pensar e falar.”²⁹ Este terceiro sistema de exclusão é fundamental para a minha pesquisa, no sentido de que, ao produzir o discurso expresso nas páginas do jornal, o *Correio do Povo* desempenha um papel na construção de imagens sobre as pessoas envolvidas e sobre o ato em si.

Para fins de resposta ao problema de pesquisa colocado, será feita uma análise do discurso praticado pelo jornal *Correio do Povo* nestas notas. Foucault elucida quais seriam as

²⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8 fev. 1925, n.34 (MCSHJC).

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p.10.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Ibidem*, p.46.

necessidades dessa análise, que deveria ter ação nos sistemas de recobrimento do discurso e procurar detectar e destacar os princípios de ordenamento, de exclusão e rarefação do mesmo.³⁰ A proposta metodológica utilizada por Fábio Henrique Lopes em sua dissertação de mestrado mostra-se adequada para o meu problema de pesquisa. Tendo em vista a necessidade de se verificar como os discursos presentes nas notícias contribuem para uma possível construção de realidade da época, enuncio um trecho de Foucault, sobre como se deve utilizar o documento do qual se dispõe:

“[...] trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: organizá-lo, recortá-lo, distribuí-lo, ordená-lo, reparti-lo em níveis, estabelecer séries, distinguir o que é pertinente do que não é, delimitar elementos, definir unidades, descrever relações.”³¹

Por fim, para complementar a teoria, torna-se importante a compreensão do que é o discurso histórico e quais suas finalidades. Sendo assim, White afirma que ele produz interpretações a partir do que o historiador possui para sua pesquisa.³² Isto, colocado desta forma, não implica uma negação de fatos do passado (pessoas, instituições, entre outros), até porque não há discurso histórico sem que haja a premissa de que o passado, de fato, existe. O ponto importante é que, assim como será feita uma *interpretação* das notícias de suicídio veiculadas pelo *Correio do Povo*, não obstante esse trabalho trata-se de uma *interpretação*, de um tipo de discurso histórico.

Tendo em mente o caráter interpretativo que assume o discurso histórico, torna-se mais inteligível o sentido de intenção nele presente. White aborda a questão, colocando que, mais do que um trabalho de análise para descrição ou simples conhecimento de uma realidade, o discurso histórico deve ser tido como “uso da linguagem que, como a fala metafórica, a linguagem simbólica e a representação alegórica, sempre significa mais do que literalmente diz, diz algo diferente do que parece significar, e só revelam algumas coisas sobre o mundo ao preço de esconder outras tantas”.³³ Ao analisar publicações do *Correio do Povo*, deparei-me com notícias que não se mostrariam atrativas a princípio, por serem muito curtas. Aparentemente, elas pouco revelariam a um pesquisador ou a um leitor da época que estivesse desatento: talvez passasse incólume alguma ausência, como um dado que estava presente nas demais. Entretanto, tais lacunas, se cruzadas com possíveis perguntas (Qual o

³⁰ Ibidem, p.69.

³¹ Idem. *A arqueologia do saber*. Apud LOPES, Fábio Henrique, op. cit., p.6.

³² WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da História. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.7, n.13, 1991, p.22.

³³ Ibidem, p.26.

local? Seria homem ou mulher? Há ou não motivações?), podem mostrar interessantes detalhes. Antes, faz-se necessário, para melhor compreensão, apresentar as fontes utilizadas por este trabalho e quais seus possíveis usos historiográficos.

1.2 Apresentação das fontes

A fim de responder à questão colocada, foi feita a leitura de 99 edições do *Correio do Povo*, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, referentes aos meses de janeiro e fevereiro de 1925 e janeiro e fevereiro de 1926. No acervo do museu, não foi constatada nenhuma ausência de edição do jornal, para o período em questão. Foram encontradas 56 notícias ligadas a tentativas ou suicídios consumados, ocorridos no Rio Grande do Sul. Adicionalmente, na terceira página das edições, há três matérias no local de opinião do jornal, que não contavam com a assinatura do autor: divulgação de números sobre suicídio nos EUA³⁴, suicídio de um jovem viúvo no Rio de Janeiro³⁵, e crítica à “facilidade” com que um menino de 10 anos comprou cianureto de potássio, utilizado por sua mãe em seu suicídio.³⁶ Dessa forma, tive o mesmo problema enfrentado por Ana Luiza Timm Soares: se havia o anonimato, tratava-se de seção editorial?³⁷

Passa a vigorar, conforme Alves e Torres, um decreto aplicado aos órgãos de imprensa, em 1923. Portanto, os jornais, “no caso dos artigos publicados em seções ineditoriais, deveriam conter a assinatura dos respectivos autores, assim como indicação de sua residência e profissão.”³⁸ Portanto, por exclusão, considerar-se-á que essas matérias podem ser vistas como editoriais, refletindo posições do jornal a respeito do suicídio como fato e dos suicidas.

Foram encontradas três matérias em separado que reproduzem publicações de jornais do Rio de Janeiro³⁹, as quais apresentam interessantes pistas para se pesquisar o papel da imprensa na cobertura dos suicídios e o enfoque que foi ou que deveria ser dado às vítimas.⁴⁰

³⁴ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 8 fev. 1925, n.34 (MCSHJC).

³⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1 fev. 1925, n.28 (MCSHJC).

³⁶ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 fev. 1926, n.38 (MCSHJC).

³⁷ SOARES, Ana Luiza Timm. Construindo gênero: a representação da identidade feminista através do discurso do periódico rio-grandino “O Tempo”. In: *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.15, n.2, 2009, p.10.

³⁸ ALVES, Francisco das Neves. e TORRES, Luiz Henrique. *Imprensa e História*. Porto Alegre, Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. Apud SOARES, Ana Luiza Timm, op. cit., p.11.

³⁹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 fev. 1926, n.28 (MCSHJC) e *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 fev. 1926, n.38 (MCSHJC).

⁴⁰ Refiro-me à notícia publicada no *Correio do Povo*, edição do dia 7 de fevereiro de 1926, citada na Introdução deste trabalho, nas páginas 11 e 12.

Uma das constatações iniciais deste trabalho é a de que muito desse material se repete, na linguagem utilizada e no espaço reservado. Portanto, faz-se necessária uma seleção das notícias, tendo sido descartadas as que se referiam a suicídios ocorridos fora do estado, que se caracterizavam por serem notas bastante breves, de no máximo 15 linhas. Apesar desse recorte, a quantidade restante de matérias parece-me significativa e capaz de responder ao problema proposto.

Também é preciso ressaltar as possíveis ambiguidades que decorrem de uma leitura mais atenta. Eram noticiados na coluna “Diversas” do jornal os óbitos registrados nos cartórios da capital. Neste espaço, que tinha uma média de 40 linhas e não ocupava mais de uma coluna, havia a diferenciação de mortes registradas de homens e mulheres, menores e adultos (embora não fique clara a idade de referência), bem como as causas dos óbitos. Entretanto, juntamente com doenças como meningite ou tuberculose, constam registros como *entrando no hospital e sem assistência médica*⁴¹, que poderiam caracterizar diferentes *causa mortis*, como, por exemplo, o suicídio. Com isto, faz-se a ressalva de que as fontes utilizadas podem conter imprecisões, originadas do próprio jornal, do cartório que registrou as mortes ou mesmo dos prontuários médicos.

Havia uma organização no jornal *Correio do Povo*, para fins de publicação das notícias. A primeira página tratava de acontecimentos mais importantes ocorridos ou com reflexo no estado, bem como continha publicação de pequenas notas, de em média 15 linhas, organizadas na forma de colunas, que remetiam a matérias sobre outros países (sobretudo Estados Unidos e Europa) e às principais cidades brasileiras (Rio de Janeiro e São Paulo). A segunda página apresentava notas de mesmo tamanho, mas que tratavam de assuntos de ordem privada, como casamentos, enterros e, dentre outros, publicações sobre suicídio. Estas notícias caracterizavam-se por ser relacionadas a outros estados e países, mas também do interior do estado do Rio Grande do Sul. Na terceira página, localizavam-se as colunas de opinião do jornal, que tratavam de assuntos variados: política rio-grandense, cotidiano e suicídio, em pelo menos três ocasiões no período analisado, conforme explicado no início desta seção.

Entretanto, havia a publicação de notícias sobre suicídio também em outras partes do jornal. As maiores ocorrências estavam na quarta página (denominada de “Diversas”), localizando-se majoritariamente em Porto Alegre, mas também no interior. Na página seguinte, eram publicados telegramas recebidos de outras cidades do Rio Grande do Sul, nos

⁴¹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15 jan. 1925, n.12 (MCSHJC) (grifo nosso).

quais novamente estão presentes notícias sobre suicídio, colocados de forma bastante sucinta, contendo no máximo 10 linhas. Na crônica policial, que teve sua posição no jornal alterada com o tempo, também foram encontradas matérias sobre o tema desta pesquisa, sobretudo de tentativas de suicídio que foram malogradas, que tiveram intervenção policial ou médica para salvamento e recuperação das pessoas envolvidas. Portanto, a presença do tema do suicídio é uma constante em partes diferentes do jornal *Correio do Povo*, apresentando diferentes tamanhos de notícia, mas permeando boa parte da publicação. Isso aponta, em primeiro lugar, para a recorrência de casos de suicídio, e, em segundo lugar, para a relevância social do tema. Como se pode observar no quadro abaixo, nos meses pesquisados, o tema do suicídio era notícia no jornal, em praticamente todos os dias.

Tabela 1 – Número de suicídios e tentativas, homens e mulheres por mês publicadas no *Correio do Povo*, jan.-fev. 1925 e jan. –fev. 1926.

	Suicídios	Tentativas	Homens	Mulheres	Totais
Janeiro 1925	6	6	6	6	12
Fevereiro 1925	9	7	5	11	16
Janeiro 1926	12	3	8	7	15
Fevereiro 1926	8	5	6	7	13
Totais	35	21	25	31	56

Fonte: *Correio do Povo*, jan.-fev. 1925 e jan. –fev. 1926. Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Em relação aos critérios de trabalho com as fontes, optei, quando da citação, pela transcrição literal das notícias publicadas pelo *Correio do Povo*. Acredito ser razoável, tendo em vista que não há grandes barreiras à leitura, que justificariam a atualização. A diferença de grafia de algumas palavras não representa maiores dificuldades ao leitor.

Não houve, pelo menos no período abarcado por esta pesquisa, significativa mudança em termos de discurso do jornal *Correio do Povo*, no que tange ao tema do suicídio, o que, se tivesse acontecido, poderia recomendar uma organização diferente do proposto. Igualmente, não se verificou quebra nas publicações sobre suicídio neste período, apesar das recomendações da ABI, citadas anteriormente. A corroborar com isto, ainda se constatam publicações de suicídio em épocas posteriores: Dapieve analisa o comportamento da imprensa em relação ao suicídio, abordando uma série de casos ocorridos em 2004, que tiveram cobertura significativa de *O Globo*, e a postura dos principais editores do jornal quanto ao suicídio e a publicação ou não pelo periódico.

O objetivo inicial do trabalho era tratar as notícias pesquisadas sob duas diferenciações: de gênero e de cor. Após classificar o material e visualizá-lo em uma tabela⁴², constatei que o mesmo apresentava limitações de análise.

Em relação à cor da pele, pude observar que em mais da metade das notícias (32, das 56 analisadas) não houve qualquer menção. Quanto à atividade social da pessoa envolvida, em 39 das 56 notícias não existiu referência. A pesquisa sob o quesito de estado civil igualmente não se mostrou conclusiva (não houve publicação da situação em 22 dos 56 casos).

Portanto, optei pela análise das questões de gênero unicamente, pois foi o critério que se apresentou mais nítido nas notícias sobre suicídio, tendo havido a menção ao sexo em todas as publicações do *Correio do Povo* analisadas. Igualmente, é possível o cruzamento entre gênero e outras variantes passíveis de quantificação, como o tamanho da notícia, assim como ligá-lo às motivações expostas pelo jornal para o suicídio e o meio utilizado para tal, o que permite algumas hipóteses quanto a comportamentos esperados. Logo, após apresentação, passemos à análise propriamente dita das fontes.

⁴² Vide Anexos – Tabelas 2 a 10.

2. MULHERES “INFELIZES”

2.1 As mulheres na História: categoria de gênero

A percepção da mulher enquanto ser participante ativo da História deriva, sobretudo, das críticas tecidas pelo movimento feminista da década de 1960. Naquele contexto, a denúncia da opressão sofrida levou a reflexões dentro do campo da História, no sentido da inclusão das mulheres como objeto de investigação e da noção da importância do gênero nos demais campos de pesquisa, seja político, econômico ou cultural.

Um dos resultados desta perspectiva seria a categoria de gênero, em substituição a termos como sexo ou diferença sexual, pelo determinismo biológico neles contido.¹ Esse conceito foi forjado a partir de uma série de trabalhos que tinham as mulheres como ponto principal e que buscavam ainda maior aprovação dentro dos meios acadêmicos. Entretanto, constatavam-se, nesse estágio inicial, lacunas que deixavam em aberto como o conceito de gênero poderia ajudar a explicar as diferenças culturais entre homens e mulheres e as relações de poder envolvidas. Mesmo assim, houve a percepção de que a admissão da categoria de gênero acrescentaria não só novos temas, mas também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente.² Segundo Scott, nesses primeiros trabalhos havia certa confusão entre mulheres e gênero, tomados muitas vezes por sinônimos, pelo fato de gênero ainda não ser compreendido como categoria de análise.

Nesse sentido, uma das proposições de Joan Scott para a categoria de gênero, a qual se mostra valiosa para este trabalho, é de que se trata de um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos.³ Tendo em vista que a dicotomia entre homens e mulheres parece ser relevante para o jornal, pois esta classificação está registrada em todas as notícias⁴, fiz a opção por analisar as matérias relativas a suicídios sob essa ótica. Não há com a mesma frequência a publicação de outros dados relacionados às vítimas, tais como nacionalidade, idade, estado civil ou cor da pele, de forma que dificultaria a análise histórica sob esses prismas. Portanto, parece-me mais adequado a utilização da categoria de gênero justamente para dar conta dessas características das notícias pesquisadas.

¹ SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*, p. 3. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2012.

² Ibidem.

³ Ibidem, p.21.

⁴ Vide Anexos – Tabelas 2, 4, 6 e 8.

Se foram localizadas notícias a respeito de suicídio e, além disso, elas eram recorrentes, é preciso buscar compreendê-las, conforme o objetivo deste trabalho, sob a categoria de gênero. Entretanto, uma pergunta anterior faz-se necessária: por quem estava composto o jornal?

2.2 Mais uma infeliz...

Joana Maria Pedro, ao analisar os periódicos do sul do Brasil do final do século XIX e início do século XX, aponta que, nas redações dos mesmos, predominavam homens que compunham o judiciário, chefiavam a polícia, o exército, a administração, os que decidiam sobre a educação, faziam sermões religiosos, votavam e eram eleitos.⁵ Da mesma forma, eram, ao mesmo tempo, os redatores e os leitores dos principais jornais da cidade; prescreviam as formas de ser “distinto” e “civilizado”.⁶ As mulheres compareciam nas páginas publicadas, mas enquanto conteúdo da notícia, não como produtoras. Da mesma forma, o discurso presente nos jornais sulinos estava no contexto de uma conjuntura determinada, nos quais eram demonstradas distinções e eram expostos vernizes sociais, que implicavam em moldar as mulheres de uma determinada classe.⁷ Reduzindo a poucas palavras, tratava-se de escrever (também) sobre as mulheres e para elas, de forma a designar comportamentos específicos.

Seguindo essa mesma perspectiva de novos parâmetros modeladores para uma sociedade em mudanças, constata-se, no princípio do século XX, o discurso da necessidade de higienização das maiores cidades brasileiras. Os grandes centros passariam por reformas que significaram uma nova configuração do espaço físico, o controle e a segregação das camadas populares, com a tentativa de afastamento da pobreza.⁸ Nesse sentido, as autoridades procuravam retirar os personagens sociais que não traduziam a mensagem de progresso que perpassava o seu discurso. Entretanto, existem fontes, como jornais, revistas e fotografias, que mostram realidades a respeito deste processo: a luta desenvolvida por quem estava sendo retirado e a duração, maior do que a desejada pelas elites políticas. Assim, pelas páginas do *Correio do Povo*, verificou-se a seguinte notícia:

⁵ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: *História das mulheres no Brasil*. PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). 8.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2006, p.282.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem, p.291.

Mais uma infeliz que, por amores mal correspondidos, tenta dar cabo da vida. Chama-se Maria Luiza Borges, tem 21 annos e é uma das tantas decahidas que habitam a rua General Paranhos. [...] Maria Luiza, que reside no prédio 71 dessa ruella, ateou fogo ás vestes que embebera em kerozene. Allucinada pelos sofrimentos, sahiu ella a correr rua afora, gritando desesperadamente, sendo agarrada por varias companheiras, que conseguiram extinguir o fogo. Levado aviso á Assistencia Publica do 1º districto, compareceu immediatamente ao local o auto ambulância, que a transportou ao ambulatorio da mesma repartição [...]. O estado de Maria Luiza, que foi recolhida ao hospital da Santa Casa, é grave.⁹

Nota-se, em uma primeira análise, que se trata de uma notícia de tamanho maior do que a média encontrada, de 32 linhas, que poderia ser explicada pelo fato de o acontecimento ter ocorrido em Porto Alegre, em seu centro. A presença de informação a respeito do local (rua, número) também não é comum.¹⁰ A notícia em si contém termos que se repetem em outros casos, nas referências às vítimas: “mais uma infeliz” sugere recorrência, mas também compaixão para com a pessoa envolvida. Por sua vez, “dar cabo da vida” refletiria o discurso do caráter antinatural do suicídio e “amores mal correspondidos” reforçaria a imagem de gênero, de maior preocupação da mulher com aspectos amorosos. Entretanto, a afirmação em relação às decaídas e a ligação com o local (Rua General Paranhos) suscitam reflexões.

É preciso considerar, na ótica do leitor, o impacto que possuíam os jornais, como veículos de formação de opinião pública por excelência na época. Pesavento afirma que contribuíam para a construção de imagens muito fortes, carregadas de adjetivos, cores e artifícios de retórica que ajudavam a *dar a ver* ao mundo de uma determinada forma.¹¹ Assim, a descrição de tais espaços, de maneira negativa, inevitavelmente influenciaria na construção ou na reafirmação da imagem a respeito do local, sobretudo de seus moradores e trabalhadores.

A referência a esta mesma rua, feita por jornais porto-alegrenses na virada do século XIX para o XX, não era nada elogiosa:

É realmente contrastador haver no centro de nossa bela capital um tamanho foco de perversão, como é a Rua Gen. Paranhos, na parte em que o povo denomina Beco do Poço. Ali os vagabundos e as mulheres da mais baixa esfera entregam-se diariamente aos seus infames vícios, desrespeitando os sagrados preceitos da moral e, por conseqüência, zombando da lei e da justiça [...].¹²

Portanto, a publicação da notícia do *Correio do Povo*, com esse teor, mais de vinte

⁹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 fev. 1925, n.49 (MCSHJC).

¹⁰ Foram encontrados, nas 56 notícias analisadas, 16 casos nos quais há a menção ao endereço (rua e número), vide Anexos – Tabelas 3, 5, 7 e 9.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*, 1.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p.33 (grifo da autora).

¹² *A Gazetinha*, Porto Alegre, 2 jul. 1898. Apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p.43.

anos depois, mostra que não foi imediata a remoção desses elementos “indesejados” do centro de Porto Alegre. Igualmente, a referência às pessoas que ali residiam também não se alterou significativamente, embora, segundo Pesavento, um jornal como o *A Gazetinha* era mais rico em artigos de natureza moral, condenatórios de espaços localizados, em relação ao *Correio do Povo*.¹³ Maria Luiza, pelo que se pode entender da notícia, era moradora da rua, mas não se sabe se trabalhava ali, ou se era de fato uma “decaída”. Entretanto, a ligação era direta, no discurso do jornal, entre viver naquele espaço e fazer parte de um grupo malvisto. A forma de escrita (“uma das tantas”) leva a percepção para o leitor de que a Rua General Paranhos seria um “antro”, reforçado pela menção às companheiras. Além disso, o uso da palavra denota julgamento moral bastante negativo para com a vítima.

2.3 Invisíveis, mães, apaixonadas, impressionáveis

Se, por um lado, há a menção às mulheres, mesmo as marginalizadas, por outro há casos em que não houve a identificação da vítima. Há uma ligação entre a menor presença das mulheres nos registros escritos (em relação aos homens) e a ausência das mesmas no campo historiográfico. Sendo assim, haveria a possibilidade de estudo destas mulheres tornadas invisíveis? Ou, na pergunta de Georges Duby e Michelle Perrot:

“[...] Votadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história?”¹⁴

Sem dúvida elas têm, pois mesmo de uma pequena notícia, de 11 linhas, é possível fazer alguns apontamentos sobre a posição social de uma mulher:

ENCANTADO, 2 – Ingerindo cyanureto de potássio, suicidou-se, nas imediações desta villa, a esposa do agricultor João Tieter Sobrinho. A suicida, que contava 24 anos, deixou quatro filhos menores. Supõe-se que a causa daquelle acto de desespero tenha sido uma reprehensão de seu marido.¹⁵

É preciso fazer a ressalva de que, ao fazer a análise das notícias sobre suicídio, verifiquei que, quando se trata de casos ocorridos no interior do estado do Rio Grande do Sul,

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p.39.

¹⁴ DUBY, Georges e PERROT, Michelle. História das mulheres no ocidente. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p.7. Apud PETERSEN, Áurea Tomatis. *Trabalhando no banco: trajetória de mulheres gaúchas desde 1920*, p.28. Disponível em: <http://www1.capes.gov.br/teses/pt/1999_dou_pucrs_aurea_tomatis_petersen.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2012.

¹⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 jan. 1926, n.2 (MCSHJC).

são em média menores do que as matérias de Porto Alegre¹⁶, até porque muitos são colocados na seção de telegramas, enviados pelos correspondentes do jornal. Portanto, o fato de o suicídio ter ocorrido nas proximidades de Encantado teria menor espaço destinado na publicação, independente da questão de gênero. Mesmo assim, observa-se a ausência da identidade da mulher, no que se constitui o único caso no qual não consta o nome.¹⁷ Parecer-se-ia constituir como uma das primeiras missões do jornal ter ciência do nome da pessoa envolvida, mas há apenas, nesse caso, a menção a quem ela era esposa. Dessa forma, no que se constituiria um discurso sobre os suicidas e não sobre o suicídio, supõe-se a representação de uma mulher à sombra do marido, sem nome e voz, uma das que foram, por muito tempo, negligenciadas pela História.

A divisão de papéis e a constituição de espaços ligados ao gênero, sendo o público para os homens e o privado para as mulheres, remete, segundo Soihet, às transformações sociais verificadas a partir do século XIX e à ascensão da classe burguesa.¹⁸ Nesse sentido, os afazeres domésticos e a lida com o orçamento familiar fariam com que as mulheres tivessem ligação estreita com a casa – espaço privado, seu local “privilegiado” - mas também com a figura simbólica de mãe cuidadora dos filhos, responsável por sua criação e alfabetização, além de esposa atenciosa, com a tarefa de manter a harmonia do lar. Nesse contexto, uma mulher que possuía filhos e uma família e decidia pela morte chamaria a atenção, como parecem mostrar as notícias pesquisadas do *Correio do Povo*:

Mais um suicidio temos a registrar. É triste, mas é do officio...[...] A dolorosa occurrencia desenrolou-se no predio n. 22 da Rua Oriente. D. Felicidade Silvarina Guimarães, mãe de 5 filhos menores, foi a victima. Naquelle prédio, vivia ella, com seu marido. Considerava-se feliz e, aparentemente, não fazia suspeitar a tragica idea que ruminara seu cerebro. Ante-hontem, [...], mandou ella o pequeno Miguel, seu filho de 10 annos, [...], comprar certa dose de cyanureto de potassio. O menino, attendido, voltou á casa e entregou a droga á mãe. Esta ingeriu-a e, por entre soffrimentos atrozes, teve morte rapida.[...], não se sabe das razões que determinaram o suicidio. Suspeita-se, porém, que a infeliz senhora, espirito fraco e facilmente impressionavel, temesse a morte de um filhinho enfermo, que fora submettido a delicada operação no pescoço. No emtanto, a creança vae passando relativamente bem. O enterro da inditosa senhora, que contava, apenas, 31 annos de idade, foi effectuado hontem, com avultado acompanhamento de pessoas amigas.¹⁹

¹⁶ Vide Anexos – Tabelas 3,5, 7 e 9.

¹⁷ Excluindo-se o caso em análise, em outras duas notícias não foram constatadas a identidade do suicida. Em 27 de fevereiro de 1925, um dia após a primeira publicação, o *Correio do Povo* identificou o nome de Alexandrino Candido Lopes. Já no dia 10 de fevereiro de 1926, três dias depois da primeira menção ao caso, o jornal divulgou o nome do suicida como sendo Joaquim de tal.

¹⁸ SOIHET, Rachel. *Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas*, p.11. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/REF/v5n1/Soihet.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

¹⁹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 fev. 1926, n.37 (MCSHJC).

Dona Felicidade, levando a cabo sua morte voluntária, teria cedido à trágica idéia de abandono da vida. Sua representação como sendo de “espírito fraco e facilmente impressionável” caracterizaria uma mulher frágil, sem forças, incapaz de racionalizar as possibilidades de recuperação de seu filho enfermo. Pode-se fazer a correlação entre a falta de saúde do filho (que, segundo o jornal, apresentava-se em reversão) e a percepção de fracasso em seu papel de cuidado para com a família. A doença do filho representaria uma tradução de sua própria enfermidade, constituindo-se como sintoma de desarmonia da família.

Houve a publicação de uma coluna no dia seguinte, na terceira página do jornal, comentando o suicídio e opinando sobre pormenores do caso. Analisando-se as notícias sobre suicídio publicadas no período pesquisado, este se caracterizou como o único que teve tal cobertura. O *Correio do Povo* faz crítica veemente à facilidade com qual a farmácia vendeu cianureto de potássio, utilizado por Dona Felicidade, sobretudo por ter cedido a uma criança de 10 anos. Finaliza matéria afirmando que “a perigosa insensatez da pharmacia vendedora, precisa de serio correctivo, para que não fructifique a perigosa irregularidade, levando o luto e a dôr a outros lares.”²⁰ Dessa forma, há a caracterização da falta de escrúpulos da farmácia, que se tivesse agido com sensatez, talvez tivesse evitado o suicídio em questão.

A identidade de gênero era representada nas notícias sobre suicídio no jornal *Correio do Povo* através de práticas comuns aos sexos na sociedade, de forma que, no caso das mulheres, a atribuição de causas para a morte voluntária ligadas à sentimentalidade é freqüente, tais como “motivos íntimos” ou “amores não-correspondidos”. As imagens ligadas ao gênero, traduzidas pelos discursos, separam-se em pólos opostos: ao feminino, o mundo do sentimento, da intuição, da domesticidade, da inaptidão e do particular; ao masculino, a racionalidade, a praticidade, a gerência do universo e do universal.²¹ Dessa forma, um comportamento suicida de uma jovem mulher estaria ligado ao seu sentimentalismo, que levaria à dificuldade de racionalização.

Casemira Miranda andava a cahir de amores, por um ingrato, que lhe não “ligava” a menor importancia. Exasperando-se, por não conseguir vencer a indiferença do seu amado, a Casemira entendeu que devia morrer e, [...], ingeriu forte dóse de soda caustica. [...] Casemira Miranda é de cor branca, solteira, conta 24 annos [...].²²

Segundo Bourdieu, o gênero masculino mostra-se como algo não marcado, de certa

²⁰ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 fev. 1926, n.38 (MCSHJC).

²¹ SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas “femininas”*, p.69. Disponível em: < http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v15n03/v15n03_09.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2012.

²² *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 jan. 1926, n.3 (MCSHJC).

forma neutra, ao contrário do feminino, que é explicitamente caracterizado.²³ A visão de mundo centrada no homem não tem necessidade de legitimação, pois é revestida de um caráter naturalizado. Já em relação ao feminino, haveria significados que marcam o gênero. Nesse sentido entende-se o amor avassalador e a incapacidade de suportar a indiferença do amado como motivos para o suicídio, no discurso do jornal. Embora não haja qualquer nota deixada por Casemira, algo que poderia auxiliar na elucidação de seus motivos para optar pela morte, sua condição feminina e a conseqüente fragilidade emocional fornecia as explicações.

Extremamente impressionável, levava, ha muito, Olinda Charão do Canto, uma vida de constantes dissabores. Esse seu estado de espirito, longe de desaparecer e dar logar aos sonhos propios das moças de sua idade, aggravava-se dia a dia, até que, com o fallecimento de seu pae, se tornou em um verdadeiro inferno. Para pôr termo a seu martyrio, resolveu suicidar-se. [...] E a dor do que lhe causaria a morte foi superior á sua coragem: gritou, pediu socorro. [...] Olinda Charão do Canto conta 19 annos de idade, é solteira, de côr branca, [...], e ficou aos cuidados do Dr. João Lisboa de Azevedo, medico de sua família.²⁴

Não há muita clareza na narrativa do jornal a respeito da tentativa de suicídio de Olinda. O fato de não se sentir feliz como as mulheres de mesma idade derivava de ser “impressionável”. Existe certa atribuição de incompletude para a sua vida, pois ela não havia atingido o que era considerado adequado para uma mulher. Ter passado por um drama familiar, a perda de seu pai, tornou seu estado de espírito pior.

Entretanto, a mulher que sofre tem a possibilidade de redenção se agisse de acordo com o que lhe é esperado: a constituição de família, o matrimônio e a posterior vida conjugal. Nesse sentido é feito (fazendo a ressalva do estilo romanceado adotado pelo jornal) o elogio do pedido de socorro de Olinda: a coragem não foi suficiente para suportar a dor. Ou seja, seguindo de acordo com seu papel de gênero, ela não demonstrou força suficiente e, por isso, foi salva a tempo.

Traçando um panorama das notícias sobre suicídio que envolvem mulheres, percebem-se dois pontos no discurso do jornal: primeiro, o sentimentalismo e a preocupação com as questões amorosas é traço marcante da identidade feminina, pela incapacidade de maior racionalização. Segundo, a presença de termos como “impressionável”, “desespero” e “tresloucada”, assim como pedidos de socorro atribuídos às mulheres sugerem desequilíbrio emocional e vacilações, típicas de um sexo frágil, o que tornaria as mulheres dependentes dos homens, tendo, como conseqüência, uma posição subalterna na sociedade.

²³ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002, p.14.

²⁴ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 fev. 1926, n.40 (MCSHJC).

Mesmo sendo notícias que se caracterizam por serem menores do que as de homens, conforme será exposto no próximo capítulo, muitas vezes as que se referem às mulheres mostram-se mais reveladoras de comportamentos esperados ao gênero, pelo “espalhafato”. Embora pareça mais simples a análise de tais matérias, nas quais se retratava muitas vezes o pitoresco (sob o olhar atual), seria impossível compreendê-las sem que se fizesse também a análise do discurso para os homens suicidas, pelo *Correio do Povo*, o que será desenvolvido a seguir. Nesse sentido, Natalie Davis aponta:

“Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual [...], achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”²⁵.

²⁵ DAVIS, Natalie Zemon. Women’s history in transition: the european case. *Feminist Studies*, 3, 1975, p.90. Apud SCOTT, Joan, op. cit., p.3.

3. HOMENS DE DISTINÇÃO

3.1 Os homens e a questão de gênero: o que eles têm a ver com isso?

Se a História parecia no passado apenas dedicar-se ao estudo dos grandes homens e, posteriormente, a categorias tão grandiosas quanto assexuadas (classe, raça), como devemos entender homens, sob a perspectiva de gênero?

Entendo que o estudo das mulheres na História, que se impulsionou a partir de contestações datadas principalmente da década de 1960, não surgiu apenas para subverter lógicas sociais (embora tenha tido fundamental importância ao denunciar a posição feminina), mas também para revelar lacunas historiográficas. Questões como a identidade masculina e as relações de poder nela envolvidas permaneciam naturalizadas, portanto carecendo de tratamento historiográfico. Este trabalho, portanto, insere-se como tentativa de contribuição para a série de tarefas as quais os historiadores precisam dar conta, nesse campo de pesquisa.

Analisando-se as notícias publicadas sobre suicídio no período pesquisado, constatei uma diferenciação em relação ao tamanho das mesmas, quando observadas sob o aspecto de gênero. Embora haja um número maior de mulheres (31 casos) em relação aos homens (25 casos), o total de linhas presentes nas notícias sobre suicídios envolvendo mulheres é de 575 (média de 18,54), ao passo que para os homens é de 1074 (média de 42,96).

Poder-se-ia admitir que a presença de uma notícia muito maior em relação às demais, de 274 linhas distribuídas em três colunas, datada da edição de 3 de fevereiro de 1926, teria desequilibrado em favor de uma maior cobertura para as tentativas malogradas ou suicídios levados a cabo por homens. Por outro lado, verifica-se que as cinco maiores matérias são a respeito de homens, o que suscita alguns questionamentos.

Diversamente do que ocorre em relação às mulheres, parece haver diferentes razões para o cometimento do ato de suicídio pelos homens. As motivações apresentadas, como “amores não-correspondidos”, sofrer de “mania de perseguição”¹, perda de dinheiro em jogo² ou sofrer de “tormentos físicos insuportáveis”³ demonstrariam uma diferença em relação às mulheres, no discurso do jornal, pois, para elas, as notas são mais curtas e padronizadas, geralmente remetendo a motivos ligados ao sentimento e à emoção as razões para o suicídio. É certo de que há outros pontos de atenção para o leitor nas situações que envolveram os

¹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 jan. 1925, n.11 (MCSHJC).

² *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 fev. 1925, n.29 (MCSHJC).

³ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 fev. 1926, n.40 (MCSHJC).

homens, as quais serão analisadas adiante, como a notícia de uma tentativa de homicídio seguida de suicídio, ou do caráter de excepcionalidade dado pelo jornal para a morte voluntária de um menino de 14 anos, visto que, pelo discurso do *Correio do Povo*, os jovens estavam “na flor da idade” e seria anormal a opção pelo fim da vida.

3.2 Homens distintos

Deve-se atentar para o fato de que, embora as notícias sobre os homens suicidas sejam mais extensas, isto não significa que não há pequenas notas sobre os mesmos, no período analisado. Conforme foi colocado no capítulo anterior, o espaço dado pelo jornal *Correio do Povo* às notícias oriundas do interior do estado era menor do que as da capital, fazendo com que também houvesse notas lacônicas a respeito dos homens.

Na Cachoeira, no dia 2 do corrente, antes da meia noite, saiu de casa, dizendo que ia para casa de um genro, o Sr. Candido Goulart, de 54 annos de idade, casado com a exma. sra. d. Virgilia Goulart. No dia 3, ás 6 horas, o seu corpo foi encontrado pendente de uma arvore, onde estava enforcado, [...]. O extincto deixou 8 filhos: Anna Goulart Gomes, Argeu Goulart, Georgina Goulart, Isaura Goulart Gonçalves e Alfredo Goulart, maiores: Idalvina Goulart da Silva, Juvenil e Alzira Goulart, menores.⁴

A publicação do jornal *Correio do Povo* a respeito da morte de Candido Goulart caracteriza-se por ser uma notícia curta, de 23 linhas, e que apresenta o caso de forma bastante objetiva. Não há informações a respeito da cor da pele, atividade social ou de motivações para o ato. Pesavento percebeu, no estudo de notas de suicídio publicadas pelos jornais porto-alegrenses do final do século XIX, que quando se tratava de “cidadãos de primeira classe”, geralmente a descrição dos periódicos tornava-se maior.⁵ Não se especulavam as razões, registrava-se o fato doloroso, respeitavam-se os sentimentos da família enlutada e, sobretudo, o seu lugar na ordem social.⁶ Acrescento a isso que, além de uma questão social, parece-me ser plausível colocar as relações de gênero contidas nessa constatação, pois, na referência aos homens de aparente distinção, o jornal *Correio do Povo* lançava mão de uma linguagem que denotava maior respeito, como uma homenagem ao falecido, algo que, pelo que se pode depurar das notícias pesquisadas, não é semelhante ao que é dispensado às mulheres.

⁴ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 9 jan. 1925, n.7 (MCSHJC).

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*, 1.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p.336.

⁶ *Ibidem*, p.337.

Chama a atenção o uso de pronomes de tratamento, como excelentíssima, para a esposa, bem como a referência à pessoa falecida como “extinto”, o que denotaria maior respeito pelo falecido, em consequência de uma possível relevância social da família. Nesse sentido, na visão de Bucci, em situações que envolvam caráter trágico, como o suicídio, o jornalista deveria

[...] mostrar compaixão por aqueles que são afetados pela tragédia ou sofrimento, que podem ser os amigos, familiares e admiradores que pedem o sigilo nas notícias; reconhecer que as fontes possuem um direito maior ao controle de informações sobre si mesmas do que representantes públicos e outros que buscam poder, influência e atenção.⁷

A publicação de nomes, principalmente dos filhos, caracteriza uma perspectiva diferente do jornalismo moderno, portanto. Há, em outras notícias, a menção curta a filhos que tenham perdido um de seus pais, mas não a publicação de seus nomes. Neste caso, entender-se-ia a ausência de sigilo como condolências prestadas à família do falecido por parte do jornal.

Suicídio misterioso – Hontem, á tarde, foi communicado ao 4º Posto Policial que, na Estrada da Pedreira, perto do Passo da Areia, havia um homem morto. Para lá se dirigindo, as autoridades do 4º districto verificaram tratar-se de pessoa que, pelo modo como estava trajado, demonstrava ser de distincção. Vestia fatiota de casemira escura, camisa e collarinho de seda amarella e botinas pretas. Apparentava ter 54 annos de idade, de côr branca, cabellos e bigode grisalhos, tendo, para levar a cabo seu tetrico intento, ingerindo uma dose de cyanureto de potássio [...]. Num dos bolsos do casaco do morto foram encontrados, escriptos num pedaço de papel de carteira de cigarros, os seguintes dizeres: “Estou farto de viver”.⁸

Embora pudesse ser entendido o suicídio como fato social recorrente e, portanto, merecedor de espaço na imprensa, é incomum a retomada de um caso em edições de dias posteriores, tendo ocorrido apenas em dois momentos, no período pesquisado. Uma das questões mais importantes dos jornalistas na cobertura dos casos parecia ser a identificação da pessoa envolvida, pelo que se pode deduzir das notícias analisadas. Conforme foi colocado no capítulo anterior, a ausência do nome da vítima era uma motivação para a retomada do assunto, mas também é possível verificar outras questões, que se mostram na primeira publicação e que são enfatizadas na segunda oportunidade. Nesse sentido, pelo discurso do jornal, pode-se entender a relevância da vestimenta no tratamento dispensado à vítima,

⁷ BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Apud BARBOSA, Ana Carla, OGASAWARA, Rômulo e BENAZZI, Lauriano Atílio. *Jornalismo e suicídio: ética e noticiabilidade*. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-3072-1.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

⁸ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1925, n.48 (MCSHJC).

quando se trata de homens. Faz-se a ressalva de que é comum a caracterização da despedida de uma pessoa com a melhor aparência possível, a qual poderia ser representada por suas roupas. Desta forma, pensando-se além do que coloca a publicação acima citada, a última vestimenta do falecido pode ter sido um gasto acima de suas possibilidades econômicas, de forma que demonstraria uma distinção social que não corresponderia à realidade. Por outro lado, percebe-se a importância desta constatação (a forma como estava vestido o suicida) na visão do jornal *Correio do Povo*, visto que há, em outras notícias no mesmo período, esta mesma associação entre vestimenta e distinção social.

Como noticiámos em nossa edição de hontem, foi encontrado morto [...], um homem de apparencia distincta e decentemente trajado, cuja identidade não se poude estabelecer.

Hontem, a exma. Família do Sr. Alexandrino Candido Lopes, dando falta do seu chefe, mandou um de seus membros ao necroterio da Santa Casa, onde se constatou ser o morto o Sr. Alexandrino Candido Lopes. Pertencente a distincta família deste Estado, o extincto era viuvo e contava 62 annos de idade. Era sogro do Sr. Attilio Benetti e do finado Sr. Emilio Corrêa, capitalista aqui residente [...]. Entregue á família, o corpo foi hontem dado á sepultura, sahindo o feretro da rua da Conceição, 69, com grande acompanhamento.⁹

A reiteração de ser o homem de distinção é, uma vez mais, explicável por suas vestimentas, embora ainda não estivesse revelado ao leitor de quem se tratava. No entanto, a segunda publicação, ao mencionar o nome, bem como de familiares, mostrava o círculo de relações do falecido e sua importância social, algo que não foi encontrado nas demais notícias. A divulgação de detalhes sobre seu enterro, como a localização, a data em que ocorreu e o acompanhamento que teve também sugere diferenciação, uma vez que tal conteúdo mostra-se presente nas referências a homens.

3.3 Homens suicidas por amor: eles também?

Uma das mais frequentes motivações para o suicídio eram questões amorosas. Embora estivesse mais caracterizado por ser uma prática feminina, também era apontado entre os homens. O suicídio enquanto “onda”, mortes românticas que assolariam os mais jovens, tinha ligação com o efeito Werther¹⁰, que ainda se mostra presente nas discussões a respeito da

⁹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 fev. 1925, n.49 (MCSHJC).

¹⁰ Quando me refiro a “Efeito Werther”, trato das consequências da publicação, em 1774, do romance de Johann Wolfgang Von Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, uma das obras seminais do romantismo europeu. É atribuído ao romance uma onda de suicídios na Europa, tendo como motivos as decepções amorosas.

publicação ou não de matérias com esse conteúdo.¹¹ Entretanto, não se pode afirmar com certeza, a partir da leitura das notícias no período analisado, que o jornal teria intenções de não publicar suicídios, a fim de não estimular novos episódios. Pelo contrário: há o tratamento da morte voluntária como algo recorrente, que faz parte “do ofício” do jornalismo.¹²

Este caráter epidêmico dos suicídios com motivações amorosas perpassa boa parte do discurso do jornal *Correio do Povo*. Entretanto, é possível fazer uma distinção entre homens e mulheres. Mesmo que envolva questões de amor, para eles há a representação de gênero dominador, ativo e possessivo, que não admite a perda de sua amada para outro homem. Não há, entretanto, o entendimento da mulher como “íngrata” ou culpada pelo fato, mas sim que esses sentimentos, se estiverem presentes em demasia, passam a ter caráter destrutivo.

O ciúme, essa enfermidade que destroça affectos e amizades e que tantas vezes tem levado individuos á pratica de crimes, foi a causa, ao que parece, de uma tentativa de suicidio, hontem ocorrida nesta capital, levada a cabo por um homem que assim procedeu por não ter animo de lutar pela almejada felicidade. Acabava o relógio da Municipalidade de dar 12 horas, quando o agente policial do 1º districto, de n. 148 e de nome Sylvio Castilhos era “rendido” no seu serviço, afim de ir almoçar.[...] Como acima dissemos, Sylvio Castilhos residia em um modesta pensão, á avenida Campo da Redempção n. 19 [...]. Pouco depois, os demais hospedes foram alarmados com fortes gritos de socorro que partiam do quarto de Sylvio. [...] Com um espectáculo tetrico depararam todos. Sylvio coberto de sangue, apresentava tres ferimentos produzidos por uma navalha. [...] Varias versões correm a respeito desse acto de desespero praticado por Sylvio pois não acreditam que o facto se tenha passado como confessou elle ás autoridades que o interrogaram. A estas, Sylvio disse que fôra accomettido de forte pesadelo, parecendo estar em luta com um inimigo [...]. A outra, a que parece ter mais visos de verdade, é que Sylvio vivia apaixonado por uma joven, com quem rompera relações [...]. A sua vida mudara mesmo, depois que soube que sua ex-namorada tinha outro noivo. Com tal não se conformou o pobre moço, que demonstrava muitos ciúmes, a ponto de tentar contra a existencia.¹³

O contexto dado pela notícia a respeito do fato é longo. Tratava de situações do cotidiano de Sylvio (o que fazia, onde residia e sua atividade profissional) e fazia uma reconstituição da tentativa de suicídio. Cabe lembrar que tal tipo de descrição não é usual, visto que, na média, as notícias são menores. O uso de expressões como “fortes gritos de socorro”, “espectaculo tetrico” e “coberto de sangue” remeteria à “espetacularização” da violência, tendo o objetivo de atrair a atenção do leitor e de despertar sua curiosidade para aumentar as vendas do jornal.¹⁴ O jornal levanta dúvida com relação à motivação para o ato

¹¹ O artigo *Jornalismo e suicídio: ética e noticiabilidade*, de Ana Carla Barbosa, Rômulo Ogasawara e Lauriano Atílio Benazzi, discute o caráter “epidêmico” do suicídio, quando publicado pela imprensa.

¹² Refiro-me à publicação do *Correio do Povo*, do dia 13 de fevereiro de 1926, citada no capítulo anterior.

¹³ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 9 jan. 1925, n.7 (MCSHJC).

¹⁴ OTTONI, Anna Vasconcelos. Finais trágicos nos prostíbulos: imprensa, notícias sensacionais e homicídios de meretrizes no Rio de Janeiro no início do século XX. In: *Dialogus*. Ribeirão Preto: v.4, n.1, 2008, p.284.

dada por Sylvio, apontando como a mais provável uma explicação mais próxima do que era percebido como usual: a questão amorosa. A descrença lançada sobre o depoimento da vítima às autoridades reforçaria o discurso mais corrente a respeito do suicídio.

Entretanto, não se pode identificar que o discurso do jornal *Correio do Povo* em relação aos suicidas era circunscrito ao gênero ou absolutamente invariável. Há situações em que essas distinções não se mostram nítidas, sejam em notas curtas, sejam em matérias maiores. O que prevalece nesse caso principalmente é a intenção em noticiar o fato, demonstrar compaixão pelo falecido e pela família, se houver, e relatar o ocorrido, em uma linguagem mais objetiva. Apesar da suposição de razões amorosas para o suicídio, não há maiores adjetivações em relação à vítima ou uso de expressões como “amores não-correspondidos”, por exemplo. Com isso, na visão do leitor, o homem tornar-se-ia, embora preocupado com o amor, mais sóbrio do que a mulher, mesmo este sendo um jovem de apenas 20 anos.

Nada menos de dois attentados contra a propria vida, registramos hoje. Factos dolorosos e commoventes são estes, os quaes, embora commumente apareçam nas columnas dos jornaes, não deixam de impressionar profundamente [...]. Na estrada da Cavallhada – Hontem, pela manhã, um policial do 5º posto [...], encontrou casualmente [...], o cadaver de um homem de cor branca, trajado com descencia, e que apresentava um ferimento por bala. [...] Esta autoridade, comparecendo ao local [...], identificou a vitima por papeis encontrados em seu bolso, constatando-se chamar o morto, que é de côr branca e contava 20 annos de idade, Luiz Pereira de Souza [...]. Nada de positivo se sabe quanto á natureza do facto. Parece, entretanto, tratar-se de um suicídio por motivos de amor, pois no bolso da victima foi encontrado o retrato de uma moça, com indicação de ser ella sua noiva e, ainda, um bilhete dirigido á mesma pelo morto, no qual [...] Luiz Pereira de Souza convidava-a para ir ao cinema. A moça em questão reside nas proximidades do local e alguns moradores ali affirmam que, á tarde do dia anterior, Luiz por ali passára durante varias horas [...].¹⁵

A atribuição de motivos amorosos para o suicídio baseado em alguns objetos encontrados com o morto suscita questionamentos. A presença de uma foto e de um bilhete que, segundo o jornal, teriam relação com a noiva, sugere que Luiz tinha uma pretendente, mas não explica por si só o suicídio. Por outro lado, baseado no *diz-que-diz-que* de vizinhos¹⁶, o jornal apontava a presença do suicida nas proximidades da casa da noiva, “durante várias horas”, denotando ao leitor alguém que procura contato, que vigia a amada. Supõe, dessa forma, alguma desavença que não fica muito clara, mas que acentua uma pretensa motivação amorosa.

¹⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12 jan. 1926, n.9 (MCSHJC).

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy, op. cit., p.339 (grifo da autora).

3.4 Um rapaz: cérebro quase infantil, mas um homem

A aproximação da notícia com a literatura, por meio de elementos colocados pelo jornalista ao narrar o fato, tem o objetivo de atração e, pelo seu teor, de comoção do público. Cabe lembrar que tal tipo de publicação dependia da orientação do jornal e não era mais unanimidade entre a imprensa, pelo menos em relação ao suicídio, como se pode perceber pela resolução da ABI, citada na introdução. Esse formato de história fica mais evidenciado quando se trata de suicídio com motivações que fogem aos padrões, como uma reação considerada exagerada a algum fato. Logo, quando o personagem de tal história trágica era um menino de 14 anos, aborrecido por ter sofrido uma repreensão do pai no ambiente de trabalho, em uma região próxima ao Centro, poder-se-ia imaginar maior dedicação de espaço para o caso.

No caminho novo – Ao outro suicidio, que se deu, também hontem, nesta capital, não motivou, como parece ao precedente, uma questão de amor. Causou-o, pelo contrário, uma questão de escrupulos. E o facto é tanto mais impressionante quanto á victima era um rapaz de 14 annos que, sendo reprehendido pelo seu genitor, envergonhado, resolveu pôr fim á vida, enforcando-se. [...] A´ Voluntarios da Pátria, n. 289, é estabelecido com uma hospedaria, [...], o sr. Carlos José Salvate. Auxiliando-o, trabalhava com elle seu filho, o jovem Cesar Salvate, possuidor de genio affavel e de bons costumes, [...]. Activo e trabalhador era o inditoso visto, diariamente, attendendo, ao lado de seu genitor, os serviços da hospedaria. Hontem, no emtanto, Cesar tivera uma contrariedade. E motivada por quem? Pelo seu proprio pae [...]. O sr. Carlos José Salvate determinára a Cesar que fizesse um calculo, afim de tirar a conta de um hospede. Cesar cumprira essa determinação. Seu pae, porém, ao verificar o calculo, notou que havia, no mesmo, um erro. Devido a esse erro, reprechendeu Cesar. [...] O moço, recebida a censura paterna, sentiu-se, talvez, magoado e essa magua o acabrunhou. Dando-lhe o vulto e a amplitude que ella não merecia, que idéa se teria formado, em seu cerebro quasi infantil?! Sentir-se-ia elle ferido em sua vaidade, em seu orgulho ou fustigado pelo amor-proprio? [...]. Seria, antes, nesse caso, um excesso de pundonor, ou de brio? O que é facto é que o pobre moço, aborrecido e acabrunhado, afastára-se de seu pae enveredára para os fundos da casa. Aborrecimento e acabrunhamento que o exaltaram e dominaram por fim, tirando-lhe o discernimento, obscurecendo-lhe a razão e trazendo-lhe a idéa macabra do suicidio. E, absorvido por ella, não trepidou: deu-lhe execução immediata. [...] Acharam-n’o; mas acharam-n’o já sem vida. O corpo, ainda quente, pendia da corda em que o infeliz procurára lavar o que elle julgava vergonha: uma repreensão paterna. Quadro verdadeiramente tragico e tetrico o que, então, foi assistido: o moço morto de maneira tão dolorosa e atroz, o desespero fulminando o coração de um pae e de toda a familia [...].¹⁷

O suicídio do jovem Cesar Salvate constitui-se como interessante objeto de estudo, sob o entendimento de gênero. O início da notícia coloca em suas entrelinhas que a morte não

¹⁷ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 12 jan. 1926, n.9 (MCSHJC).

foi “motivada por uma questão de amor”, dando a entender que amor é uma razão comum para o suicídio. A construção da personalidade do menino como sendo rapaz “afável”, de “bons costumes”, “ativo” e “trabalhador” reforçaria o caráter de indignação do jornal, pela perda de um jovem, que estava em conformidade aos ditames de valorização do trabalho. A contrariedade de Cesar parece ter sido a mesma do periódico, que faz uma pergunta respondida por ele mesmo, sugerindo uma repreensão do jornal por um suposto exagero na prática masculina, levada a cabo pela figura do pai. Dessa forma, o jornal realçaria a inexperiência de Cesar e retomaria a questão de escrúpulos, que seria característica do menino, mas nem tanto de seu pai.

Os questionamentos feitos pelo jornal a respeito dos possíveis entendimentos que Cesar teria dado ao episódio da repreensão também suscitam alguns pontos importantes. O “cérebro quase infantil” foi a figura de linguagem utilizada pelo jornal para descrever a pouca idade e a capacidade de ponderação ainda não estabelecida, que, se já existisse, poderia ter evitado o suicídio. Apesar disso, outras características atribuídas à identidade masculina já estariam presentes: o orgulho tinha sido ferido e o brio representava uma demonstração de força, como forma de reação à reprimenda.

Por fim, a idéia de suicídio é ligada à ausência momentânea de racionalidade e a incapacidade de discernimento. Mesmo sendo jovem, Cesar seria capaz de evitar tais idéias “macabras” se tivesse relevado a repreensão, ou se tivesse tomado a crítica do pai (mesmo que exagerada) como algo compreensível dentro da lógica patriarcal. Na execução do suicídio também pode ser entendida a presença de gênero, no discurso do jornal: a opção pelo método de enforcamento é majoritariamente masculina, assim como a tomada de decisão, sem vacilações, embora estivesse ausente de razão.

Se um jovem estava em processo de desenvolvimento da racionalidade, o destino final seria representado pelo homem adulto. Entretanto, esse percurso estaria sujeito a desvios, influenciados por outros fatores, como a paixão intensa.

3.5 “Ou vens viver junto comigo ou te mato”: dos galanteios às ameaças

Cabe lembrar que, como se afirmou anteriormente, o discurso do jornal *Correio do Povo* não se caracteriza em um bloco monolítico. Em curso nas primeiras décadas do século XX, observam-se questionamentos por parte das mulheres de seu papel na sociedade. Pode-se

citar a luta pelo direito ao voto e a crescente presença feminina em empregos fora do ambiente doméstico, para ficarmos em alguns exemplos. Pelas publicações pesquisadas no período, percebe-se como tal tópico é relevante socialmente, embora desconfortável, pelo que se pode verificar no discurso do jornal. O tom de crítica para com a luta das mulheres¹⁸, em alguns momentos, é expresso em tom de galhofa¹⁹, com o discurso do *Correio do Povo* transitando entre a recusa aberta e a falta de seriedade.

Mesmo com a redação do jornal adotando uma postura que refletia a dominação masculina, tal discurso legitimador poderia apresentar surpreendentes possibilidades de mudança, quando se tratasse de um homem que tivesse “exagerado” em suas características:

Uma triste scena de sangue, desenrolou-se [...], á Rua Santo Antonio [...]. Resumiu-se ella no seguinte: um homem fére uma mulher, tentando matal-a e, ao ser preso, suicida-se, envenenando-se. E paixão cega e intensa, deu causa á tragedia de hontem, em que pôz fim á vida um cidadão, transviado do caminho do bem por essa mesma paixão.[...] Ha pouco mais de dois annos, Julia Antunes fôra admitida como empregada na vidraçaria do sr. Joaquim Fernandes da Cunha Junior. [...] Com o salario desse emprego mantinha-se honestamente, como os sentimentos de mulher honrada e separada do marido a inclinavam a viver. E assim procedia, nada fazendo, segundo nos informaram, que autorisasse qualquer duvida sobre a sua conducta. Julia [...], principiou a notar que o sr. Joaquim Fernandes da Cunha Junior, seu patrão, a tratava com deferencias especiaes. [...] as deferencias do patrão augmentavam e, atravez dellas, notára algo de menos nobre. Dotada de animo forte e disposta a reagir, Julia não se intimidou. [...] Obsecado por ella, Cunha, homem casado e chefe de familia, não trepidou em fazer a declaração do amor que ella lhe inspirára. A inditosa moça, porém, repelliu-o com dignidade; negou-se a attender ás propostas menos honestas e recusou as promessas de bem-estar que lhe eram feitas. Cunha, embóra ferido em seu amor-proprio, espicaçado pela paixão que o invadira, prosseguiu no seu intento. [...] Os modos affaveis de antes foram substituidos por maneiras brutaes. Os galanteios, mudaram-se em ordens imperiosas. As promessas fallazes de ventura transformaram-se em ameaças. [...] Cunha, segundo nos declarou aquella, dizia-lhe seguidamente: “ou vens viver junto comigo ou te mato”. E ameaçava levar a effeito essa ameaça. [...] Julia Antunes tem 28 annos, é de côr branca, casada [...]. Joaquim Fernandes da Costa Junior, contava 56 annos, branco, casado [...]. Era commerciante e deixa varios filhos.²⁰

A paixão “cega e intensa” a qual se refere o jornal teria sido o motivo da tentativa de

¹⁸ Em matéria publicada no dia 1 de fevereiro de 1925, na terceira página, o *Correio do Povo* comenta “o avanço das mulheres no terreno das conquistas sociaes” e o contexto nos Estados Unidos e Inglaterra. Lá, “o sexo fraco parece ter perdido a cabeça, entregando-se á lufa-lufa quotidiana da luta pela vida, onde vae [...] garantindo [...] sua hegemonia sobre os homens. [...] Repudiando o lar, a mulher chega a esquecer os seus deveres em relação á família, para se embrenhar nas tricas da politica ou nas rêdes do commercio”. A mulher que se arrependesse de suas novas opções estava sujeita a não conseguir voltar ao estágio anterior: “E se não fôr bem succedida na nova vida abraçada, ficar-lhe-á sempre o “gostinho”, que nunca mais a deixa ver o lar com o mesmo carinho”.

¹⁹ Em matéria publicada no dia 8 de fevereiro de 1925, na terceira página, o *Correio do Povo* comenta relatório publicado pela “Safe Life League” nos Estados Unidos, com o total de 19948 casos de suicídio no país, durante o ano de 1924. Em um deles, uma “senhorita” teria ingerido veneno e morrido porque a família não teria permitido que ela cortasse os cabelos à Joanna D’ Arc. Palavras do jornal: “Isto, alias, é razoavel: essa historia de cabellos curtos tem feito tanta gente perder a cabeça...”.

²⁰ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 fev. 1926, n.28 (MCSHJC).

homicídio cometido por Joaquim, bem como de seu suicídio. Tal sentimento, assim como no caso de Sylvio Castilhos, é considerado maléfico, quando em excesso. Ponderação era característica atribuída ao universo masculino, no imaginário da época. Entretanto, pela notícia, esta não parecia estar presente no suicida, que procura impor seu desejo a Julia, aproveitando-se de sua posição de chefe e de homem.

É interessante a menção do jornal ao fato de Julia ser casada e estar separada do marido, mas ainda assim ser designada como “mulher honrada”. Esta visão positiva por parte do *Correio do Povo* é reforçada na frase seguinte, através de uma suposta confirmação da índole da mulher. Embora não se saiba de quem partiu e há quanto tempo ocorreu a separação, deve-se considerar que, numa sociedade de valores marcadamente masculinos, uma mulher nessa situação não é exatamente um modelo.

A partir da apresentação prévia da conduta e da personalidade de Julia, a notícia prossegue narrando o caso, em formato de história, com os cortejos de Joaquim tornando-se mais incisivos, ou menos “afáveis”. O discurso do jornal revelaria uma mulher disposta a lutar por dignidade, decidida a ter seu sustento de forma independente, algo que não foi constatado em nenhuma das demais personagens femininas retratadas nas notícias que envolvem suicídio.

A ameaça de Joaquim é narrada mais de uma vez na notícia: “ou vens viver junto comigo ou te mato”. Isto demonstraria ao leitor dois pontos negativos do personagem masculino: em primeiro lugar, a contradição com a revelação anterior de ser ele casado e chefe de família e, em segundo lugar, a violência presente nas palavras dele (tomadas a partir de depoimento de Julia, que sobreviveu ao ataque).

Chartier coloca a importância de se entender os mecanismos, os limites e os usos do consentimento, como sendo uma boa estratégia para avançar além das representações de mulheres “vítimas ou rebeldes”, “ativas ou atrizes do seu destino”.²¹ Com isso, estariam também contempladas “as mulheres passivas, vistas muito facilmente como consentidoras de suas situações”.²² Compreende uma tática que mobiliza para seus fins uma representação imposta – aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu.²³

Tais considerações tornam-se interessantes para esse caso. Julia, ao permanecer no trabalho do qual dependia, mesmo recebendo “galanteios”, estaria de certa forma consentindo

²¹ CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In: *Cadernos Pagu*. São Paulo: Unicamp, 1995, p.42.

²² *Ibidem*.

²³ SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In: *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. MATOS, Maria Izilda Santos de e SOLER, Maria Angélica (Orgs.). São Paulo: Educ, 1997, p.72.

com o desejo de Joaquim, pois manteria algum tipo de contato verbal com seu chefe. Entretanto, não é o fato de não ceder às propostas que demonstra sua resistência, mas as conseqüências de seus atos: Joaquim, talvez desesperado por não convencer sua amada, passou da violência verbal à física. Supõe-se que não ter conseguido matar Julia teria causado ainda maior decepção, o que pode ser entendido a partir da leitura da notícia. A não-consecução de seu papel dominador representaria sua derrota ante a resistência da mulher.

No texto do *Correio do Povo*, percebe-se respeito perante Julia, sem que isso designe uma tomada de posição a seu favor: caracteriza-se, antes, como crítica velada aos excessos de paixão demonstrada por um homem casado e pai de família, que não deveria estar tendo tal tipo de comportamento. Por outro lado, a manutenção de Julia em celibato rompe o estereótipo da mulher separada, que, além de sua dependência emocional inerente, sofreria também com dificuldades financeiras. Nesse sentido, surpreende a referência ao salário obtido por Julia, visto que a vida fora do casamento parecia implicar em problemas econômicos para as mulheres.

Pelo que se pode entender das notícias sobre suicídio que se referiam a homens, as principais diferenças em relação às mulheres podem ser sintetizadas em dois pontos: primeiro, e mais aparente, a ligação entre dedicação maior de espaço no jornal e posição masculina na sociedade. As mulheres, de forma geral, são representadas subalternamente ou criticamente no jornal. Segundo, o trato literário dado às notícias de suicídio, um tema tão trágico quanto atemporal, apresenta-se diferentemente nos gêneros. A distinção social poderia ser expressa de várias formas, como na referência à vestimenta ou na linguagem utilizada na notícia, mas pressupunha a diferença de gênero: o uso de termos como “excelentíssima” para a viúva, por exemplo, não era empregado gratuitamente no texto – estava acompanhado de elogio semelhante ao marido falecido. Quando havia a constatação do uso de roupas finas e estas eram dignas de nota, invariavelmente estavam ligadas ao gênero masculino, no que postulo ser uma expressão de poder e de status social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme colocado no desenvolvimento do trabalho, o material pesquisado apresenta limitações de análise. Tais barreiras influenciariam inevitavelmente as conclusões que podem ser tiradas das notícias de suicídio no *Correio do Povo*, no período de recorte deste trabalho.

Sigo dois enfoques para a apresentação dos resultados: em primeiro lugar, como o jornal *Correio do Povo*, em seu discurso, construía o suicídio enquanto fato e, em segundo, de que forma eram representadas as pessoas envolvidas, que tentaram ou levaram a cabo a morte voluntária.

Em relação ao suicídio enquanto fato pode-se afirmar, através da análise das notícias no período compreendido pelo trabalho, que se tratava de ato de caráter antinatural, contrário ao sentido normal das coisas. Supõe-se que tal visão seria uma aproximação ao discurso religioso (predominantemente católico). Não há, quanto à caracterização do suicídio como objeto, uma diferenciação clara de qualquer ordem, seja de gênero, categoria fundamental para este trabalho, seja de outras possíveis distinções.

Entretanto, a representação das pessoas envolvidas certamente apresenta diferenciações. As mulheres suicidas são apresentadas como impressionáveis, frágeis e preocupadas principalmente com as questões amorosas ou familiares. Sua caracterização como influenciáveis refletiria sua instabilidade e, portanto, seu grau de dependência emocional em relação ao homem. Fica representado, em algumas das notícias analisadas, o titubeio das mulheres no momento da execução do ato, através de expressões que remetem a pedidos de socorro. Essa indecisão, se não é qualificada negativamente (por ter salvado uma vida), por outro lado está contida na narrativa do *Correio do Povo* como sendo uma imagem tipicamente feminina. Embora não haja a ligação direta feita pelo jornal, supõe-se que o meio utilizado para o suicídio também contribui na construção das imagens de gênero: as mulheres, segundo análise das notícias compreendidas por este trabalho, optavam por envenenamento ou auto-imolação, formas de morte que demandam maior tempo e trazem sofrimento ao corpo. A subalternidade da mulher, até pela tragicidade de sua morte, estaria representada pela linguagem em tom de compaixão para com a vítima.

Em relação aos homens, as motivações para o suicídio eram diversificadas. Parece haver, entretanto, um fio condutor: ausência de razão momentânea, que cede espaço para a ideia do suicídio. Termos como tresloucado estavam presentes com certa frequência nas notícias, podendo, em seu discurso, o *Correio do Povo* estar atribuindo um desequilíbrio

emocional caracterizado pela insanidade, o que, no caso dos homens, não parece ser a explicação corriqueira: sendo representados por sua capacidade de discernimento e racionalização, eles passariam por dificuldades variadas (financeiras, de saúde, amorosas), as quais, em momentos de desespero, tomariam proporções que afetariam o melhor julgamento, levando ao suicídio. Está, portanto, em questão o quanto o homem poderia suportar, o que não daria ao suicídio masculino um caráter inevitável como parece ser o das mulheres. O homem, no último ato em vida, é representado com sobriedade, mas também com decisão. Ele é respeitado por tais características, que são apresentadas como inerentes ao gênero. Através de suas vestimentas, observar-se-ia sua distinção e sua posição na sociedade; já em relação ao meio utilizado, majoritariamente armas de fogo e enforcamento, estaria construída uma solução violenta, capaz de desfigurar o corpo no primeiro caso, mas que apresenta caráter decidido.

5. FONTES

5.1 Periódicos

Correio do Povo, Porto Alegre, jan. 1925 (27 edições). Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Correio do Povo, Porto Alegre, fev. 1925 (22 edições). Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Correio do Povo, Porto Alegre, jan. 1926 (27 edições). Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Correio do Povo, Porto Alegre, fev. 1926 (23 edições). Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

5.2 Bibliografia

BARBOSA, Ana Carla; OGASAWARA, Rômulo; BENAZZI, Lauriano Atílio. *Jornalismo e suicídio: ética e noticiabilidade*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-3072-1.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

CARVALHO, Marcelo José Pereira. *Cachaça e vontade de morrer: embriaguez e suicídio nas notícias impressas nos jornais belenenses (1891-1908)*. In: XIV Encontro Regional da ANPUH – Memória e Patrimônio, 19., 2010, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Unirio.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1996, pp.15-59.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In: *Cadernos Pagu*. São Paulo: Unicamp, 1995, pp.37-47.

_____. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002, pp.61-81.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: *História da imprensa no Brasil*. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). 2.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

D'OLIVEIRA, Carlos Felipe Almeida. *Perfil epidemiológico dos suicídios. Brasil e Regiões, 1996 a 2002.* Disponível em: <www.portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/suicidios.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2012.

DAPIEVE, Arthur Henrique Motta. *Suicídio por contágio – a maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária.* 2006. 172f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

DURKHEIM, Emile. *O suicídio: estudo sociológico.* Lisboa: Editorial Presença, 1973.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: *História da imprensa no Brasil.* MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). 2.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1972.

_____. *A ordem do discurso.* 15.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LEAL, Ondina Maria Fachel. Suicídio, honra e masculinidade na cultura gaúcha. In: *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, n.6, pp.7-21, 1992.

LOPES, Fábio Henrique. *A experiência do suicídio: discursos médicos no Brasil, 1830-1900.* 2003. 223f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

_____. *O suicídio sem fronteiras: entre a razão e a desordem mental.* 1998. 127f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes históricas.* PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). 2.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil.* 2.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

OTTONI, Anna Vasconcelos. Finais trágicos nos prostíbulos: imprensa, notícias sensacionais e homicídios de meretrizes no Rio de Janeiro no início do século XX. In: *Dialogus.* Ribeirão Preto: v.4, n.1, 2008, pp.283-306.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: *História das mulheres no Brasil.* PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). 8.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2006, pp.278-321.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX.* 1.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PETERSEN, Áurea Tomatis. *Trabalhando no banco: trajetória de mulheres gaúchas desde 1920*. Disponível em: <http://www1.capes.gov.br/teses/pt/1999_dou_pucrs_aurea_tomatis_petersen.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2012.

PROST, Antoine. "Social e cultural indissociavelmente". In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa, Ed. Estampa, 1998.

REICHERT, Emmanuel Henrich. *A sedução e a honestidade: representações de gênero nos processos de crimes sexuais (Porto Alegre, 1920-1926)*. 2008. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RÜDIGER, Francisco, *Tendências do jornalismo*. 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2012.

SHIKIDA, Cláudio; GAZZI, Rafael de Almeida Vilhena; JUNIOR, Ari Francisco de Araujo. *Teoria econômica do suicídio: estudo empírico para o Brasil*. Disponível em: <www.ceae.ibmecmg.br/wp/wp39.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.

SOARES, Ana Luiza Timm. Construindo gênero: a representação da identidade feminista através do discurso do periódico rio-grandino "O Tempo". In: *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.15, n.2, 2009, pp.7-18.

SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In: *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. MATOS, Maria Izilda Santos de e SOLER, Maria Angélica (Orgs.). São Paulo: Educ, 1997, pp.53-82.

_____. *Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas*. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos//REF/v5n1/Soihet.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas "femininas"*. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v15n03/v15n03_09.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2012.

WADI, Yonissa Marmitt; SOUZA, Keila Rodrigues de. Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade. In: *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. GOMES, Angela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da História. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.7, n.13, 1991, pp.21-48.

6. ANEXOS

Para fins de encaixe nas tabelas, optei por utilizar abreviações para alguns dos dados coletados: na coluna “Casos (por data)” as iniciais após a data significam as letras iniciais do nome da pessoa envolvida. Há situações nas quais houve mais de uma notícia publicada no mesmo dia pelo *Correio do Povo*, o que torna necessário algum tipo de diferenciação. “S/T” significa suicídio ou tentativa, bem como “H/M” faz menção a homem ou mulher. A abreviação “N.I.” significa não-informado, ou seja, não houve, na notícia publicada, qualquer menção ao dado em questão. Por último, na coluna “Local ocorrido”, POA refere-se a Porto Alegre.

Tabela 2 - Casos por data publicados no *Correio do Povo* quanto a suicídio e tentativa, homem e mulher, atividade, idade e estado civil, jan. 1925.

Casos (por data)	S/T	H/M	Atividade	Idade	Estado Civil
1/1/1925	s	m	empregada	22	solteira
9/1/1925 (C.G.)	s	h	N.I.	54	casado
9/1/1925 (S.C)	t	h	agente policial	N.I.	solteiro
9/1/1925 (A. de O.)	t	m	doméstica	18	solteira
14/1/1925 (Q.T.C.)	s	h	N.I.	44	casado
14/1/1925 (L. de tal)	s	m	empregada	16	solteira
20/1/1925	t	m	N.I.	N.I.	N.I.
21/1/1925	t	m	N.I.	22	N.I.
22/1/1925	s	m	N.I.	N.I.	casada
27/1/1925 (J.C.S.)	t	h	N.I.	N.I.	N.I.
27/1/1925 (R. G.)	t	h	N.I.	33	solteiro
31/1/1925 (B. R.)	s	h	fazendeiro	N.I.	N.I.

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, jan. 1925 (MCSHJC).

Tabela 3 - Casos por data publicados no *Correio do Povo* quanto a meio utilizado, motivações, cor da pele, número de linhas e local ocorrido, jan. 1925.

Casos (por data)	Meio utilizado	Motivações	Cor da pele	Nº linhas	Local ocorrido
1/1/1925	enforcamento	vergonha, roubo contra os patrões	parda	41	Caxias, Rua Xaxá Pereira
9/1/1925 (C.G.)	enforcamento	N.I.	N.I.	23	Cachoeira
9/1/1925 (S.C)	corte com navalhas	amores não-correspondidos	N.I.	97	POA, Av. Campo da Redenção, 19
9/1/1925 (A. de O.)	imolação	aborrecida da vida	preta	25	POA, Rua Boa Vista, 84
14/1/1925 (Q.T.C.)	eletrocutado	mania de perseguição	N.I.	11	Rio Grande
14/1/1925 (L. de tal)	veneno, cianureto de potássio	N.I.	preta	25	POA, Av. 13 de maio, 13
20/1/1925	veneno, sulfato de cobre	abandonada pelo amante	N.I.	7	Rio Grande
21/1/1925	uso de bisturi	desinteligencia com a mãe	N.I.	33	POA
22/1/1925	veneno, cianureto de potássio	motivos íntimos	N.I.	6	Santa Maria
27/1/1925 (J.C.S.)	ferimento cortante no pescoço	N.I.	N.I.	9	Rio Grande (vila de São José do Norte)
27/1/1925 (R. G.)	ferimento com navalha	N.I.	N.I.	14	Rio Grande (Cassino)
31/1/1925 (B. R.)	N.I.	N.I.	N.I.	5	Passo Fundo (morador de Carazinho)

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, jan. 1925 (MCSHJC).

Tabela 4 - Casos por data publicados no *Correio do Povo* quanto a suicídio e tentativa, homem e mulher, atividade, idade e estado civil, fev. 1925.

Casos (por data)	S/T	H/M	Atividade	Idade	Estado Civil
1/2/1925	s	h	N.I.	34	viúvo
3/2/1925 (A. W.)	s	h	representante comercial	25	N.I.
3/2/1925 (E. de B.)	t	m	N.I.	16	solteira
4/2/1925 (R. P.)	t	h	músico	N.I.	N.I.
4/2/1925 (A. F. S.)	t	m	N.I.	N.I.	casada
4/2/1925 (D. da C.)	t	m	N.I.	N.I.	N.I.
8/2/1925	s	m	N.I.	27	solteira
10/2/1925 (V. M.)	s	m	N.I.	N.I.	N.I.
10/2/1925 (P. F.)	s	h	N.I.	30	N.I.
10/2/1925 (V. P. S.)	t	m	N.I.	N.I.	N.I.
14/2/1925	t	m	artista	21	casada
21/2/1925	s	m	N.I.	23	viúva
24/2/1925	s	m	N.I.	26	N.I.
26/2/1925 (I. D.)	s	m	funcionária do porto	39	viúva
26/2/1925 (A. C. L.)	s	h	N.I.	62	viúvo
27/2/1925	t	m	N.I.	21	N.I.

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, fev. 1925 (MCSHJC).

Tabela 5 - Casos por data publicados no *Correio do Povo* quanto a meio utilizado, motivações, cor da pele, número de linhas e local ocorrido, fev. 1925.

Casos (por data)	Meio utilizado	Motivações	Cor da pele	Nº linhas	Local ocorrido
1/2/1925	arma de fogo	saudades da falecida	N.I.	34	Rio de Janeiro
3/2/1925 (A. W.)	enforcamento	perda de dinheiro no jogo	N.I.	33	Passo Fundo
3/2/1925 (E. de B.)	imolação	desentendimento com namorado	preta	26	POA, Rua da Azenha, 173, casa 4
4/2/1925 (R. P.)	arma de fogo	N.I.	N.I.	4	Bagé
4/2/1925 (A. F. S.)	arma de fogo	motivos íntimos	N.I.	9	Bagé
4/2/1925 (D. da C.)	tinta de escrever e querosene	N.I.	N.I.	18	POA, Rua Paisandú, 56
8/2/1925	carrapaticida	perda do filho de 2 anos	parda	31	Livramento
10/2/1925 (V. M.)	veneno, cianureto de potássio	N.I.	branca	48	POA, Rua Cel. Fernando Machado, 155
10/2/1925 (P. F.)	enforcamento	N.I.	N.I.	6	Rio Grande
10/2/1925 (V. P. S.)	veneno, permanganato de potássio	N.I.	N.I.	5	Rio Grande
14/2/1925	veneno, "sublimado corrosivo"	desprezada pelo amante	branca	27	POA, Rua Andrade Neves, 102
21/2/1925	veneno, cianureto de potássio	amores não-correspondidos	mista	20	POA, Rua Cel Carvalho, 11
24/2/1925	enforcamento	N.I.	N.I.	13	Montenegro
26/2/1925 (I. D.)	veneno, cianureto de potássio	motivos íntimos	N.I.	12	Rio Grande
26/2/1925 (A. C. L)	veneno, cianureto de potássio	"estou farto de viver" - bilhete	branco	41	POA, Passo da Areia
27/2/1925	imolação	amores não-correspondidos	N.I.	32	POA, Rua Gen Paranhos, 71

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, fev. 1925 (MCSHJC).

Tabela 6 - Casos por data publicados no *Correio do Povo*, quanto a suicídio e tentativa, homem e mulher, atividade, idade e estado civil, jan. 1926.

Casos (por data)	S/T	H/M	Atividade	Idade	Estado Civil
3/1/1926 (A. L. A.)	t	m	N.I.	20	N.I.
3/1/1926 (N. P)	s	h	N.I.	19	solteiro
3/1/1926 (s/nome)	s	m	N.I.	24	casada
5/1/1926 (A. F.)	t	m	N.I.	28	solteira
5/1/1926 (C. M.)	t	m	N.I.	24	solteira
10/1/1926	s	m	N.I.	36	solteira
12/1/1926 (L. P. de S.)	s	h	N.I.	20	noivo
12/1/1926 (C. S.)	s	h	trabalhava com pai	14	N.I.
14/1/1926 (F. N. S.)	s	h	coletor estadual	N.I.	casado
14/1/1926 (G. R. S.)	s	h	N.I.	N.I.	N.I.
15/1/1926	s	h	N.I.	60	viúvo
19/1/1926 (L. C.)	s	m	serviçal	16	N.I.
19/1/1926 (E. A.)	s	h	comerciante	N.I.	N.I.
30/1/1926 (D. C.)	s	m	N.I.	24	solteira
30/1/1926 (V. F.)	s	h	comerciante	34	casado

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, jan. 1926 (MCSHJC).

Tabela 7 - Casos por data publicados no *Correio do Povo* quanto a meio utilizado, motivações, cor da pele, número de linhas e local ocorrido, jan. 1926.

Casos (por data)	Meio utilizado	Motivações	Cor da pele	Nº linhas	Local ocorrido
3/1/1926 (A. L. A.)	N.I.	N.I.	morena	4	Rio Grande
3/1/1926 (N. P)	arma de fogo	dificuldades de naturezas várias	branco	42	POA, Av Nonoai
3/1/1926 (s/nome)	veneno, cianureto de potássio	repreensão do marido (jornal supõe)	N.I.	11	Encantado
5/1/1926 (A. F.)	soda cáustica	desgostos íntimos	mista	18	POA, Rua Mariante, 4
5/1/1926 (C. M.)	soda cáustica	indiferença do amado	branca	21	POA, Av Teresópolis, 204
10/1/1926	ingestão de formicida	N.I.	N.I.	7	Montenegro (em São José do Maratá)
12/1/1926 (L. P. de S.)	arma de fogo	motivações prováveis por amor	branco	67	POA, Estrada da Cavallhada
12/1/1926 (C. S.)	enforcamento	repreensão do pai, erro no trabalho	branco	111	POA, Rua Voluntários da Pátria, 289
14/1/1926 (F. N. S.)	arma de fogo	N.I.	N.I.	17	Caxias
14/1/1926 (G. R. S.)	N.I.	N.I.	N.I.	5	Cachoeira (em Bosque)
15/1/1926	enforcamento	mania senil	branco	21	Passo Fundo
19/1/1926 (L. C.)	arma de fogo	N.I.	N.I.	7	Alegrete
19/1/1926 (E. A.)	arma de fogo	N.I.	N.I.	5	Livramento
30/1/1926 (D. C.)	ingestão de violento tóxico	N.I.	N.I.	4	Santa Maria

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, jan. 1926 (MCSHJC).

Tabela 8 - Casos por data publicados no *Correio do Povo*, quanto a suicídio e tentativa, homem e mulher, atividade, idade e estado civil, fev. 1926.

Casos (por data)	S/T	H/M	Atividade	Idade	Estado Civil
2/2/1926	s	m	N.I.	N.I.	N.I.
3/2/1926	s	h	comerciante	56	casado
7/2/1926	s	h	N.I.	47	N.I.
13/2/1926	s	m	N.I.	31	casada
14/2/1926	s	h	agricultor	70	casado
18/2/1926 (A. A. da S.)	s	h	N.I.	70	viúvo
18/2/1926 (O. C. do C.)	t	m	N.I.	19	solteira
19/2/1926 (I. C. da S.)	t	m	N.I.	14	N.I.
19/2/1926 (A. R.)	s	h	N.I.	N.I.	casado
21/2/1926	t	m	N.I.	N.I.	N.I.
23/2/1926	t	m	N.I.	16	solteira
25/2/1926	s	h	cervejeiro	N.I.	N.I.
28/2/1926	t	m	N.I.	35	casada

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, fev. 1926 (MCSHJC).

Tabela 9 - Casos por data publicados no *Correio do Povo* quanto a meio utilizado, motivações, cor da pele, número de linhas e local ocorrido, fev. 1926.

Casos (por data)	Meio utilizado	Motivações	Cor da pele	Nº linhas	Local ocorrido
2/2/1926	arma de fogo	N.I.	N.I.	5	Santa Maria
3/2/1926	veneno	paixão, ciúmes	branco	274	POA, Rua Santo Antônio
7/2/1926	veneno, cianureto de potássio	N.I.	branco	80	POA, Morro da Glória
13/2/1926	veneno, cianureto de potássio	preocupação com filho enfermo	N.I.	45	POA, Rua Oriente, 22
14/2/1926	enforcamento	moléstia incurável	branco	18	Passo Fundo (em Pecegueiro)
18/2/1926 (A. A. da S.)	enforcamento	tormentos físicos insuportáveis	branco	46	POA, Rua Monsenhor Veras, Partenon
18/2/1926 (O. C. do C.)	ingestão de querosene	vida de constantes dissabores	branca	35	POA, Rua Barão do Triunpho, 46
19/2/1926 (I. C. da S.)	ingestão de querosene	amores não-correspondidos	N.I.	7	Rio Grande
19/2/1926 (A. R.)	enforcamento	N.I.	N.I.	43	Bagé (arrabalde Vista Alegre)
21/2/1926	ingestão de iodo	N.I.	N.I.	6	Alegrete
23/2/1926	ingestão de Lysol	desgostosa da vida, motivos íntimos	branca	19	POA, Rua São Luís, 110
25/2/1926	enforcamento	doença, paralisia no seu corpo	N.I.	20	Ijuí
28/2/1926	ingestão de tóxico	N.I.	branca	8	POA, Av. Minas Gerais, 70

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, fev. 1926 (MCSHJC).

Tabela 10 - Resultados da análise das notícias de suicídio no *Correio do Povo*, jan. e fev. 1925, jan. e fev. 1926.

Suicídio / Tentativa	Atividade	Homem / Mulher	Idade	Estado Civil
35 - Suicídios	39 - N.I.	31 - mulheres	17 - N.I.	22 - N.I.
21 - Tentativas	17 - com atividade	25 - homens		14 - solteiros
		55 - com nome		13 - casados
		1 - sem nome		6 - viúvos
				1 - noivo
Meio utilizado	Motivações	Cor da pele	Nº linhas	Local ocorrido
24 - ingestão de substâncias	23 - N.I.	32 - N.I.	1649 linhas	24 - Porto Alegre
11 - enforcamentos		16 - brancos	Média - 29,44	9 - Rio Grande
10 - arma de fogo		3 - pretos		Demais cidades, com 3 casos ou menos
7 - imolação ou cortes		2 - pardos		
3 - N.I.		2 - mistos		
1 - eletrocutado		1 - morena		

Fonte: *Correio do Povo*, Porto Alegre, jan. e fev. 1925, jan e fev. 1926 (MCSHJC).